

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde

Curso de Psicologia

GABRIELA DA CUNHA ARAUJO

O POTENCIAL DA DANÇA COM O BAMBOLÊ:

RESGATE DA CORPOREIDADE, DO BRINCAR E DA CONSCIÊNCIA CORPORAL

SÃO PAULO

2020

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde

Curso de Psicologia

GABRIELA DA CUNHA ARAUJO

O POTENCIAL DA DANÇA COM O BAMBOLÊ:

RESGATE DA CORPOREIDADE, DO BRINCAR E DA CONSCIÊNCIA CORPORAL

Trabalho de conclusão de curso como exigência parcial para graduação no curso de Psicologia, sob orientação do Professor Dr. Ricardo Monezi

SÃO PAULO

2020

AGRADECIMENTOS

Esse processo não foi nada fácil, muito menos rápido. Agradeço imensamente a professora Felícia, por despertar minha identificação com a Psicologia Analítica e transmitir seu conhecimento de forma enérgica e vibrante. O professor Ari Rehfeld, por fazer-me refletir até cansar, além de, o que acho o mais importante, sentir prazer em pertencer àquela sala de aula. A ideia de pesquisar acerca das concepções de corpo na Psicologia começou a se desenvolver-se na disciplina "Eletiva de Projeto de Pesquisa", lecionada pelo professor Ricardo Radin Bueno, quem me incentivou e valorizou meu projeto, quando eu mesma não o fazia. Através do projeto de um colega desta disciplina entrei em contato com o conceito *corporeidade*, que me despertou tremenda curiosidade. Assim, me deparei com os conhecimentos de Merleau-Ponty.

Um ano antes, este mesmo professor foi convidado, pela da professora Chu Cavalcante, a apresentar um caso vivenciado como acompanhante terapêutico na eletiva de Winnicott. Me chamou a atenção este formato de psicoterapia, por ter tantas variáveis incontroláveis e consequente coragem e ousadia que exige. Esse discurso acendeu uma faísca em mim, que despertou o interesse e amor que tenho pelo trabalho psicoterápico.

Agradeço também meu colega Martim, que fez a ponte para eu ter a maravilhosa experiência de trabalhar na Escola Ateliê Acaia, destinada para crianças pobres, moradoras de favelas da Vila Leopoldina. Lá, pude trabalhar com dois colegas da faculdade, Giovanna Salvioni e Lucas Fernandes, que foram grandes modelos para minha atuação como psicóloga no campo da educação. Mas percebi que havia urgência em compreender como lidar com sintomas agressivos expressos corporalmente por um aluno em especial. Além disso, foi graças a ele que entrei no curso de acompanhamento terapêutico.

Após completar o curso teórico, iniciei o estágio de dois anos de duração, acompanhando uma usuária do CAPS, que apresentava limitações na comunicação verbal, além de sintomas como tricotilomania. Tal fato escancarou o meu despreparo no que tange a elaboração de sintomas corporais, além da relevância da comunicação não verbal, por gestos, cheiros, risadas, tom de voz e movimentação corporal.

Agradeço minha mãe, que nos momentos de crise de choro, mesmo distante por conta do isolamento social, dizia calmamente dentro da minha cabeça: "Vamos lá, do que você quer falar?",

enquanto pegava um papel para escrever os tópicos principais. Então as ideias começavam a se organizar e tomar forma. O que parecia inatingível, simplificava e tornava-se apenas trabalhoso.

Por último, quero agradecer meu orientador, que me ensinou a deixar fluir minhas ideias, elogiou incansavelmente meu trabalho e, mais que isso, valorizou minha singularidade como estudante e futura psicóloga. Foi ele quem me fez sentir potente e capaz de seguir meus princípios nesta tese, ser fiel à minha personalidade e toda anormalidade que a constitui.

ARAUJO, GABRIELA DA CUNHA. **O POTENCIAL DA DANÇA COM O BAMBOLÊ: RESGATE DA CORPOREIDADE, DO BRINCAR E DA CONSCIÊNCIA CORPORAL.** 2020. 69 pgs. Trabalho de Conclusão de Curso – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo.

RESUMO

A presente pesquisa parte da noção de unicidade na relação corpo-psique, para explorar o potencial terapêutico da dança com o bambolê, como um caminho criativo de ampliação da consciência e integração da psique. Lançou-se luz sobre o conceito fenomenológico de corporeidade, que observa o corpo como "*encarnação simbólica do sujeito desejante*" (AMPARO, 2013), em redefinição contínua ao relacionar-se com o mundo. Essa perspectiva aproxima-se do olhar do psicanalista Donald Winnicott (1896-1971), ao colocar a percepção corporal como determinante para a introjeção das experiências mundanas. Winnicott compreendia a psique como "*organização específica, proveniente da elaboração imaginativa das funções corporais*" (JUNIOR, 2008). Suas contribuições a respeito do brincar foram fundamentais para a compreender a correlação entre corpo e cultura. Por fim, os conhecimentos obtidos a partir das leituras de Jung e Gaiarsa, possibilitaram um aprofundamento a respeito dos sistemas corporais, valorizando suas sensações para compreender as tendências e manifestações inconscientes. Ambos autores abordam o conceito de consciência corporal, levando em conta as contradições que constituem vontades e desejos. Segundo Gaiarsa (2006) é possível traçar um paralelo entre o centro de gravidade corporal e o centro vazio da personalidade (*self*). O bambolear, ao envolver a dança circular em torno de si mesmo, propicia tal percepção de eixo, propiciando o processo de individuação. Dessa forma, pretende-se investigar a prática de bambolear como uma alternativa de movimentação corporal, capaz de propiciar a vivência de novas potencialidades de ser no mundo.

Palavras Chaves: Corporeidade, Corpo, Brincar, Merleau-Ponty.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	8
2. OBJETIVOS	9
3. ASPECTOS METODOLÓGICOS	10
4. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	12
4.1. HISTÓRICO DO CORPO NEGLIGENCIADO	12
4.2. CORPOREIDADE E A IMPORTÂNCIA DA EXPERIÊNCIA	14
4.3. TRABALHO CORPORAL NA PSICOTERAPIA JUNGUIANA	17
4.4. BRINCAR: DO CORPO À PSIQUE.....	22
4.5. UM BREVE HISTÓRICO DO BAMBOLÊ.....	25
5. RESULTADOS DOS QUESTIONAMENTOS REALIZADOS PELA PLATAFORMA DIGITAL INSTAGRAM	30
6. DESENVOLVIMENTO: O BAMBOLÊ COMO RECURSO TERAPÊUTICO	33
6.1. O BAMBOLÊ EM “CON (TATO)”	33
6.2. BRINCANDO COM O BAMBOLÊ	35
6.3. A EXPERIÊNCIA DE BAMBOLEAR: MOVIMENTO E LIBERDADE	39
6.4. BAMBOLÊ COMO EXPRESSÃO ARTÍSTICA.....	46
6.5. GAIARSA E A COMPLEXIDADE DAS SENSações CORPORAIS	51
6.5.1. CORPO E CULTURA	51
6.5.2. DO QUERER AO MOVER-SE	52
6.5.3. CONSCIÊNCIA CORPORAL E O SENTIMENTO DE PRAZER	53
6.5.4. TENDÊNCIA, EQUILÍBRIO E CENTRO DE GRAVIDADE	57
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	59
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	63
ANEXOS	66



Figura 1: Essas fotos foram encontradas na escrivaninha de avó paterna da autora. Foram tiradas nos primeiros anos do século XX e já demonstram a presença do bambolê na infância. A criança do meio da primeira foto é sua bisavó, nascida em 1904, ao lado de seus irmãos. Na época, os "Irmãos Cantarelli" eram os únicos fotógrafos de Jaú.

1. INTRODUÇÃO

No decorrer de nossa formação aprendemos geografia, química, biologia, muitas matérias que preenchem nosso cérebro de informação, buscando desenvolver o intelecto, mas sempre sentados. São poucos momentos em que usamos o corpo. O mesmo se repete na faculdade de Psicologia, onde o pensamento é a principal ferramenta de trabalho, mas com isso, negligenciamos um universo amplo e rico em significações.

A partir do fascínio pela riqueza dos movimentos em diferentes expressões artísticas, como performances circenses, em especial a dança com bambolê, surgiu a **curiosidade a respeito do corpo, importante recurso de adaptação e ressignificação de experiências traumáticas**. Bertazzo (2017), afirma que o movimento é uma forma de interagir com o mundo:

"Ao conhecer nosso corpo, conhecemos a nós mesmos e essa consciência é sinônimo de liberdade."

Toda a trajetória de estágios durante a faculdade foi permeada pelo trabalho psicológico com população em alguma situação de vulnerabilidade social. Ficou evidente a carência de ferramentas, ou práticas de apoio nos estabelecimentos, que considerassem as expressões corporais como elementos relevantes. Tal enfrentamento se deu não só no estágio como acompanhante terapêutica de uma usuária do CAPS Itapeva¹, mas também ao acompanhar estudantes do Instituto Acaia², escola ateliê destinada para crianças e adolescentes moradoras de favelas da Vila Leopoldina.

Ademais, houve a oportunidade de estagiar numa oficina de artes manuais com mulheres portadoras de deficiência intelectual no Núcleo Morungaba³. A participante que demandava maior atenção, expressava forte desejo por música e dança, o que exigiu ainda mais a atenção para linguagem corporal. Nesses estágios, foi recorrente a demanda pela consideração de diferentes comportamentos não-verbais, como tons de vós, ironia, humor e gestos.

A partir de um olhar crítico para tais vivências, surge o **questionamento acerca da insuficiência verbal ao longo do processo de tratamento psicológico**. A fala é o principal recurso

¹ <http://caps.spdmafiliadas.org.br/>

² <https://www.acaia.org.br/>

³ <http://morungaba.com.br/>

utilizado nos métodos terapêuticos, deixando de levar em conta as limitações decorrentes de resistências e diferenças na expressão verbal de cada indivíduo. Dito isto, surge uma questão referente à possibilidade de pensar no **bambolear como uma alternativa expressiva de trabalho corporal, que aproxima o sujeito de si mesmo e, a partir dessa conscientização, amplia suas possibilidades de ser no mundo.**

2. OBJETIVOS

Assim sendo, a presente pesquisa tem como objetivo investigar a respeito da **relevância da atenção ao corpo, a fim de lançar luz sobre o potencial psicoterapêutico da movimentação corporal e sua relação com a dança com bambolê.** Para isso, pesquisar a noção de corporeidade, bem como de trabalho corporal e do brincar, como possibilidade de redescoberta de uma consciência contribuinte para a estruturação de uma psique potente, equilibrada, autocentrada e criativa.

Quanto aos objetivos específicos, pretendo:

- Investigar, a partir de Winnicott, a importância do brincar, para viabilizar a transição da relação com o próprio corpo para o contato com um corpo estranho na primeira infância.
- Considerar a interação com bambolê como forma de se adaptar às demandas do mundo.
- Discutir conceitos de corporeidade, como caráter fundamental da existência na perspectiva da fenomenologia, articulando com a prática de bambolear.
- Abordar a noção de trabalho corporal na psicoterapia de Jung.
- Pensar na dança com o bambolê como prática que conduz o indivíduo em direção à individuação.
- Ampliar os conceitos junguianos a partir das contribuições de Gaiarsa sobre cultura, desejo, prazer, equilíbrio e centro de gravidade.
- Analisar a dança junto ao bambolê como um movimento ativo em direção ao autoconhecimento.
- Explorar a dança do bambolê como um caminho criativo para integração da psique danificada, em privação, fragilizada e sua consequente passagem para um desenvolvimento saudável.

3. ASPECTOS METODOLÓGICOS

Foi feita uma revisão integrativa de literatura de diferentes autores considerados relevantes para colaborar com o entendimento da seguinte indagação: **O bambolear pode constituir-se como uma forma de expressão, elaboração e ampliação da consciência e das potencialidades de ser no mundo?**

Escolheu-se trabalhar com a metodologia proposta, uma vez que esta é indicada para o levantamento da produção científica já produzida. Assim, procurou-se propiciar a “(re)construção de redes de pensamentos e conceitos, que articulam saberes de diversas fontes, na tentativa de trilhar caminhos na direção daquilo que se deseja conhecer” (GOMES, 2014, p. 396).

Os artigos foram selecionados a partir das seguintes bases de dados: Scientific Electronic Library Online (Scielo), Periódicos Eletrônicos de Psicologia (Pepsic-BVS) e Portal Periódicos Capes. Foram usados como descritores as palavras-chaves: Corporeidade, Corpo, Brincar e Merleau-Ponty.

Como fatores de inclusão dos artigos foram selecionados: textos publicados em língua portuguesa, disponíveis na íntegra e gratuitamente nas plataformas de busca, publicados no período de 2009 a 2019, de autores que partilham **a concepção de existência como a constante interação entre sujeito e objeto, corpo e mente**. Ou seja, um indivíduo adquire conhecimento a partir do mundo que está inserido, de forma a ser constituído por sua cultura, ao mesmo tempo que é produtor de transformações em sua sociedade, portanto ambos são indissociáveis. Foram excluídos artigos que não tinham seu texto disponível na íntegra de forma gratuita. Também foram consultados sites diversos seguindo a mesma estrutura lógica de busca devido a escassez de artigos a respeito da história do bambolê na literatura científica.

Além da pesquisa de referencial teórico acima descrita, foi realizado um questionamento, através da plataforma digital Instagram, onde os praticantes de bambolê, após o preenchimento do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, foram convidados a deixarem suas impressões a respeito dos seguintes questionamentos:

- 1) O que você sente quando *bamboleia*?
- 2) O que você já aprendeu com o bambolê ou usou algum aprendizado anterior para conseguir bambolear?

Para participação nesta etapa prática, foram convidadas pessoas seguidoras da página “@bambolas08”, sendo incluídas as respostas de pessoas acima de 18 anos de idade, de ambos os gêneros, praticantes de bambolê.

O único critério de exclusão adotado foi o fator idade, sendo excluídos da participação na pesquisa pessoas menores de 18 anos de idade.

A partir dos livros e artigos selecionados, bem como das respostas aos questionamentos feitos através da plataforma Instagram, foi realizada uma leitura e discussão com base nas óticas fenomenológicas de Heidegger e Merleau-Ponty. Foram utilizadas releituras destes filósofos, como José Carlos Michelazzo, João Augusto Pompéia, Ari Rehfeld entre outros.

As contribuições de Winnicott foram obtidos especialmente partir da obra “O brincar e a Realidade”, na qual Winnicott (1975) define conceitos como *holding*, *espaço transicional* e *o brincar*, como forma de ampliar a compreensão de vivências corporais de cuidado. Foram abordadas concepções psicanalíticas de Winnicott a respeito da relação com o corpo nos primeiros anos de vida. Além disso, outros artigos científicos foram utilizados para a compreensão da importância do brincar na constituição da psique.

Na sustentação da discussão foram levados em conta conceitos junguianos sobre relação mente-corpo e trabalho corporal. A literatura utilizada foi o livro “*Jung - Vida e Obra*”, de Nise da Silveira (1994), na qual se define de maneira clara e objetiva conceitos como: consciência, ego, complexos, inconsciente pessoal e coletivo, função transcendente e individuação.

Além disso, para analisar o bambolê com uma possibilidade de integração psicofísica, foram consideradas as contribuições da junguiana Rosa Maria Farah (2008). As reflexões de Gaiarsa (2006) sobre equilíbrio, postura, atenção e consciência corporal, retiradas do livro “50 Anos de Psicoterapia Verbal e Corporal”, foram de extrema importância para aproximar a prática de bambolear à psicoterapia corporal.

As contribuições destas três vertentes da Psicologia - Fenomenologia, Psicanálise winnicottiana e Psicologia Analítica – foram essenciais para tecer uma rede que sustenta a **compreensão do funcionamento psíquico e sua relação dialética com o corpo**. Tais concepções seguem uma lógica **não naturalista, que diverge do modelo hegemônico, biomédico e causal**.

4. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

4.1. HISTÓRICO DO CORPO NEGLIGENCIADO

Existe uma opinião corrente de que o desprezo social e ideológico em relação ao corpo tem início na Idade Média, reforçado com a Igreja Católica. *"Esse período da história foi marcado pelas representações dos opostos e o corpo não ficou fora dessa realidade. Tudo era dividido entre bem e mal, céu e inferno, sagrado e profano."* (RODRIGUES, 2013, p.6). Suas sensações eram alvos de repressão, abomináveis e sujeitas à penitência para que houvesse salvação.

Tais representações do corpo como profano, expressão das "paixões carnis", da luxúria e dos impulsos, tiveram início **numa época anterior**, na Grécia Antiga. Gaiarsa (2006) aponta os responsáveis por essa ideologia na história da Filosofia, ao desdobrar o modelo de funcionamento da pólis grega. Esta era formada pela nobreza, de um lado, e por escravos, de outro. **O primeiro grupo tinha como função o raciocinar, ponderar, especular, decidir e ordenar, enquanto o segundo, fazia, executava, obedecia, agia.**

"Os escravos eram o corpo dos gregos"

Assim se iniciou a propagação da representação social do corpo, *"como tão escravo quanto o escravo, tampouco merecia atenção."* (GAIARSA, 2006, p.228). Deveria meramente obedecer aos comandos da razão, executando-as automaticamente, sem hesitar, discutir ou sentir. Dessa forma, todo o pensamento antigo é dominado pela noção corpo como *"substância concreta que pertence ao âmbito do sensível e que, por seu caráter de impermanência, não é propriamente um ente original, verdadeiro"* (MICHELAZZO, 2002, p.11).

A conveniente concepção de corpo animal, negado, **também norteou o pensamento da Igreja durante a Idade Média**. Sua oposição à pureza da alma e do espírito enfatizou a cisão mente/corpo, *"responsável, entre outras calamidades, pela noção mágico-diabólica das doenças"* (GAIARSA, 2006, p.228). Dessa forma, **o caráter dicotômico do ser foi mantido ao longo do mundo medieval**, *"de um lado, o Deus criador supremo (Ens Creator) e de outro, a coisa criada (ens creatum)."* (MICHELAZZO, 2002, p.11).

"Com isso, fica estabelecido para a tradição o lugar subalterno ocupado pelo corpo, em contraposição à razão. Se ele segue a mesma trajetória dos entes corruptíveis, enquanto matéria (hyle), se ele não passa de simples aparência, se tudo nele é transitório, ele não merece de nós senão nossa recusa e nosso desprezo." (MICHELAZZO, 2002, p.11)

Com o início da época **moderna**, o corpo passa a ser considerado como coisa, simples **objeto** ou ente pertencente ao ser, inanimado e sujeito ao espírito dominador. Descartes reconhecia a ligação entre as duas naturezas, como vinculadas e dependentes. Entretanto, **acreditava que o verdadeiro eu se referia à alma**, caráter mais valioso do sujeito, inteiramente distinta da coisa extensa e não pensante - o corpo. Segundo as exigências das ciências naturais, para que essa coisa extensa fosse controlada e dominada pela razão, era necessário que fosse passível de mensuração. Tal controle e manipulação da natureza, transformou-se num dogma. Segundo a ideologia que baseou todo o desenvolvimento da medicina moderna, um conhecimento *"só seria real o que fosse mensurável"* (Heidegger, *Seminários de Zollikon*, p. 107 *apud* MICHELAZZO, 2002, p. 13).

*"O medir só é possível quando a coisa é pensada como objeto, representada em sua objetividade (Gegenständlichkeit). Medir é uma maneira pela qual eu posso deixar uma coisa presente por si mesma me confrontar, isto é, em relação à sua extensão." (Ibid. p. 125 *apud* MICHELAZZO, 2002, p.13)*

Diante da lógica capitalista de oferta e procura, o corpo-objeto passou a ser considerado como **mercadoria**, produzida pelo homem e para o consumo do homem. *"Entre o "homem-consumidor" e a "coisa mercadoria" se instaura, de modo feroz, um vínculo de desgaste, de corrosão, de esgotamento, de aniquilamento, de destruição - significados estes todos presentes no vocabulário latino consumere."* (MICHELAZZO, 2002, p.14). De acordo com esta **lógica de consumo, que mensura, produz, consome e domina, se dá a condição de existência humana, ou seja, a forma como o mesmo é pensado e vivido.**

Segundo Michelazzo (2002), **Nietzsche inverteu a interpretação de Platão, ao elevar a dimensão sensível do ser**, os impulsos, afetos, vontades ou desejos foram transferidas ao âmbito supra-sensível, **para funcionarem como princípio normativo do pensamento.**

Nesse contexto de extrema valorização do sensível, alavancado pela tecnologia, publicidade e propaganda, se dá a glorificação contemporânea do corpo. Segundo as imposições do modelo de produção e consumo, a adequação do corpo deve seguir os padrões de beleza estipulados pela moda, conforme o imperativo da boa aparência, peso e simetria ideal, alimentação saudável e vestimenta adequada. Assim, o corpo não só é utilizado como objeto ou mercadoria, mas também deve estar sujeito a ser moldado, esticado, comprimido, preenchido ou retido. **Estas práticas podem ser entendidas como formas de negar a impermanência e ameaça de futuro, constitutivas do existir humano.**

Através dessa retomada, é notável as variações da representação do corpo ao longo da história. Na antiguidade, era concebido como escravo, depois, como criatura animalesca medieval, como objeto da modernidade e, por fim, como mercadoria contemporânea. O corpo habitado hoje é concebido por essas interpretações descritas. Com isso, surge a questão: como compreender o fenômeno corpo-mente como unidade?

4.2. CORPOREIDADE E A IMPORTÂNCIA DA EXPERIÊNCIA

A Fenomenologia parte de uma perspectiva que quebra com a concepção predominante de cisões entre mente e mundo, entre mente e corpo. Sua compreensão do existir humano considera o Dasein, ser-aí, ou "*estrutura que caracteriza um ser-no-mundo*" (POMPÉIA, 2002, p. 30). Percebe todo indivíduo enquanto Dasein em envolvimento, isto é, um ente capaz de questionar acerca de si mesmo e do mundo.

Dessa forma, **só compreende algo quando existe em algo** e só pode acessar a si mesmo quando junto às coisas, ou seja, em contato com outros entes. "*Heidegger apresenta o homem como Dasein, isto é, "ser aí", onde o aí é constitutivo, existencial, sem o qual não há homem. Aí significa no mundo. Já jogado, lançado no mundo, antes de refletir acerca dele*" (REHFELD, 2004). Isto significa que cada ser é um ente caracterizado pela existência em relação com, ou atravessada pela, espacialidade e temporalidade.

O caráter espacial da experiência do Dasein, se dá na forma como percebe, significa e compreende o que está perto ou longe, em pé ou de ponta cabeça. Do mesmo modo, se dá o caráter temporal da vivência do Dasein, enquanto um existir sempre vindo-a-ser, se lançando no futuro e trazendo consigo o passado. Tal espacialidade e temporalidade vão constituir a corporeidade, fluida em ressignificações, em seu âmbito existencial e ontológico. A compreensão fenomenológica acerca do caráter existencial da corporeidade, é fundamental para uma existência sustentada na potência de ser.

Heidegger critica a filosofia, de Platão até Nietzsche, por ter perspectivas "substancialistas" e "entitativas". Considera que o pensamento ocidental construiu e armazenou todo o seu conhecimento sobre o próprio homem, *"de ser como uma entidade dotada de uma presenteidade eterna - objetivada no seu constante "aí-fora", diante de nossos olhos um mero ente subsistente" ou "algo simplesmente dado" (Vorjandenes)"* (MICHELAZZO, 2002, p. 17). Não considera esta concepção como incorreta, e sim como parcial. *"O corpo humano, ao longo da história do nosso modo ocidental de pensar, segue um caminho de empobrecimento, de esvaziamento e, finalmente, de aniquilação de seu sentido."* (MICHELAZZO, 2002, p. 9).

Com base em conceitos trazidos da fenomenologia merleau-pontyana, Polak (1997, apud SCORSOLINI-COMIN, 2008) levanta a importante contribuição a respeito da compreensão da corporeidade:

*"Como mais que a materialidade do corpo, que o somatório de suas partes; é o contido em todas as dimensões humanas; não é algo objetivo, pronto e acabado, mas **processo contínuo de redefinições**; é o resgate do corpo, é o deixar fluir, falar, viver, escutar, **permitir ao corpo ser o ator principal**, é vê-lo em sua dimensão realmente humana. Corporeidade é o existir, é a minha, a sua, é a nossa história."* (Polak, 1997)

Merleau-Ponty faz a relevante correlação entre **experiência corporal e a percepção**. Aponta que a forma como percebemos o mundo não se dá através do pensamento objetivo, baseado no empirismo e intelectualismo. De acordo com sua concepção fenomenológica, a **apreensão dos sentidos se faz através do corpo**, o qual é caracterizado pela impermanência. Considera a **percepção**

como uma experiência não mentalista, mas um acontecimento da corporeidade e, como tal, da existência. Merleau-Ponty (1945/1994, p. 497, apud NÓBREGA, Teresinha P., 2008):

"das coisas ao pensamento das coisas, reduz-se a experiência"

O corpo não só percebe os estímulos do ambiente, mas trata-se também de uma **expressão criadora**. O autor fundamenta sua análise **no movimento, como ação doadora de sentido à percepção**. Compreende a percepção como um fenômeno, um acontecimento da existência, deixando de privilegiar uma racionalidade, que exclui o corpo, para então resgatar uma noção de saber corpóreo.

"Os movimentos acompanham nosso acordo perceptivo com o mundo. Situamo-nos nas coisas dispostos a habitá-las com todo nosso ser. As sensações aparecem associadas a movimentos e cada objeto convida à realização de um gesto, não havendo, pois, representação, mas criação, novas possibilidades de interpretação das diferentes situações existenciais."
(NÓBREGA, 2008)

O movimento promove uma sincronia entre os acontecimentos do ambiente e do corpo, levando a uma nova interpretação das experiências, ou seja, a uma aprendizagem. Tão logo esses movimentos são aprendidos, tornam-se "automáticos", de forma que não é mais preciso pensar sobre os inúmeros fatores envolvidos. Traça-se um **paralelo entre sentir e compreender**, já que a condição corpórea e o acontecimento dos gestos inauguram uma razão que emerge do corpo e de seus sentidos biológicos, afetivos, sociais e históricos, redirecionando o fenômeno do conhecimento para uma experiência vivida.

Soffer (2001) baseia-se em Merleau-Ponty ao negar a noção de percepção como exclusivamente biológica ou fisiológica. Afirma que a **percepção é "a simultânea experiência ativa e passiva de tocar e ser tocado, de sentir e ser sentido, no encontro com o outro"** (SCORSOLINI-COMIN, 2008). O corpo se daria nessa vivência cultural, na alteridade, nos gestos, nas vozes, no

contato com as outras pessoas. Assim, a noção pessoal de identidade seria constantemente reformada pelo movimento e pelas experiências, tanto individuais quanto coletivas.

De acordo com Fábio Scorsolini-Comin (2008, *apud* SILVEIRA, 2005), a obra de Foucault também oferece contribuições que vão de acordo com a filosofia merleau-pontyana apontada. **Ele destaca o corpo como palco onde se articulam os saberes e poderes**, significando, portanto, um **campo produtor de individualidade**. Ademais, aponta que esse acordo sincrônico e a constante reconstrução da sensorialidade estão inclusive sob influência das mudanças políticas de cada momento, já que não estão imersos apenas em fatores biológicos, mas interpenetrados de história.

4.3. TRABALHO CORPORAL NA PSICOTERAPIA JUNGUIANA

"Se há uma teoria que permite a integração da somaterapia e da análise, essa é a de Jung. Ele estava interessado em descobrir o caminho pelo qual o dualismo mente-corpo pudesse ser superado e estes opostos harmonizados. Concebeu um relacionamento psicofísico que propicia uma alternativa para que se enxergue a mente ou o corpo como fonte primária da experiência" (MCNEELY, 1987, p.16)

Carl Gustav Jung nasceu em 26 de julho de 1875, em Kesswil, na Suíça. Aos 4 anos, foi morar em Klen, próximo a Basileia, para onde seu pai foi transferido, exercendo funções de pastor protestante. Nietzsche, que deu cursos memoráveis na Universidade de Basileia, de 1869 a 1879. Outro fato curioso é que naquela época, ecoavam rumores de que o avô paterno de Jung, reformador da Faculdade de Medicina da Basileia, era filho ilegítimo de Goethe - mas nada foi provado neste sentido. (SILVEIRA, 1994)

Jung via seu pai numa condição medíocre, pois não questionava os dogmas da Bíblia, agarrando-se à sua fé. Já a relação com sua mãe era mais próxima. Percebia nela duas atitudes opostas, uma quando se portava como esposa do pastor e outra, misteriosa e com maior autoridade, tom de voz mais grave, de forma a amedrontá-lo, em alguns momentos. Apesar de não haver referências ao protestantismo em suas *Memórias*, sempre teve grande fascínio pela idéia de Deus. *"O menino*

pensava e sentia Deus como uma poderosa força avassaladora que trazia consigo bem-aventurança, mas também desespero e terror" (SILVEIRA, 1994, p. 11). Essa oposição entre as atitudes de sua mãe foi teorizada posteriormente pelo autor, a partir da descrição de duas funções psicológicas fundamentais: introvertida e extrovertida - ambas subdivididas em quatro tipos de personalidade: intuitiva, sensitiva, pensamento e sentimento.

Jung teve problemas com a escolha de profissão, mas enquanto cursava medicina, percebeu que na psiquiatria encontraria um *"foco vivo de convergência"* (SILVEIRA, 1994, p. 11) entre a filosofia e as ciências naturais e da saúde. Em 1900, concluiu sua graduação em medicina e logo conseguiu uma vaga no hospital psiquiátrico Burgholzli, onde tornou-se segundo assistente.

Naquela época a atividade científica se encontrava em uma fase energética e, dentro de 5 anos, o jovem Jung passou a ocupar um cargo abaixo do diretor, Eugen Bleuler (1857-1939), um dos psiquiatras mais famosos da história. Através da colaboração com Bleuler e de suas pesquisas autorais, o autor chegou a um método de exploração do inconsciente. Demonstrou que *"nas psicoses todos os sintomas, ainda que os mais absurdos, encerram significações, descrevem as frustrações, desejos e esperanças dos doentes."* (SILVEIRA, 1994, p. 13).

Em 1907, já com 32 anos, o pesquisador entrou em contato com Freud, com quem estabeleceu uma produtiva proximidade. A *"primeira visita prolongou-se por treze horas a fio de absorvente conversação"* (SILVEIRA, 1994, p. 11). Em 1920 foi fundada a Associação Psicanalítica Internacional, da qual Jung tornou-se presidente, com ajuda da influência de Freud.

Dentro de dois anos, em 1912, houve o marco da separação entre os dois, quando Jung lançou o livro *Metamorfoses e símbolos da libido*. Em 1913, rompeu com o grupo psicanalítico e abandonou a carreira universitária. Começava um período de solidão e de ativação do inconsciente, sonhos mobilizadores e até visões. Ao contrário de negá-las, esforçou-se para descobrir seu sentido, enquanto mantinha a consciência constantemente em estado de vigília. *"Foi através da interpretação de seus sonhos e experiências internas que Jung chegou a descobertas de um centro profundo no inconsciente, centro ordenador da vida psíquica e fonte de energia"* (SILVEIRA, 1994, p. 15). Ao atentar para o que se passava em seu íntimo processo, percebeu que essa experiência significava a busca pela realização de sua personalidade total.

"A obra de Jung é comparável a um organismo vivo que cresce, se desenvolve e se transforma simultaneamente com se autor" (SILVEIRA, 1994, p. 20).

A partir do experimento de associações de palavras em Burgholzli, Jung pôde mensurar o efeito fisiológico das palavras no corpo dos sujeitos da pesquisa. Por meio de galvanômetros e voltímetros, demonstrou que as reações somáticas do complexo sinalizavam que a identidade do sujeito estava distribuída pelo corpo, ou seja, pertenciam à unidade corpo-mente. As reações fisiológicas, como a alteração no batimento cardíaco, no funcionamento do intestino, na inervação da pele, respiração, na fala, sudorese, memória, variavam de acordo com a importância do seu conteúdo para o indivíduo.

Jung compreende a psique como uma estrutura formada pelos polos *consciência* e *inconsciente*, que estão em constante movimento compensatório. **A consciência se desenvolve a partir das primeiras vivências do próprio corpo, do corpo do outro, diferenciando o eu e o não eu.** Acredita que provavelmente se localiza **no cérebro, o qual tem a mesma origem embrionária da pele**, que percebe e orienta o indivíduo nos mundos interno e externo, encarregada por garantir as adaptações necessárias a cada instante.

"O ectoderme dá origem ao seguintes órgãos e tecidos: todo o sistema nervoso central e periférico, epitélio sensorial da mucosa olfativa e do ouvido interno, epiderme e seus derivados (pelos, unhas, glândulas sudoríparas, sebácea e mamárias), epitélio de revestimento das cavidades bucal e nasal, epitélio de revestimento dos aparelhos digestivo, genital e urinário, hipófise, cristalino, epitélio anterior da córnea e do tímpano."
(SEIXAS, 2009, p. 66)

Jung (1983, p. 148 *apud* SEIXAS, 2009) parte da ideia de que o bebê recém nascido vive num oceano de **inconsciente**. **A partir das suas primeiras noções de si, fundamentalmente corporais, conteúdos psíquicos, carregados de afetividade, são aglutinados, formando pequenas ilhas, as quais denominou de complexos.** São unidades vivas, básicas da estrutura da psique, que podem ter caráter traumático ou apenas doloroso. Nise da Silveira (1994) compara o conceito de *complexo afetivo a um imã, que sem qualquer intervenção da consciência, atrai as vivências psíquicas que estejam dentro de seu campo de atração.*

Os complexos podem inclusive agir sobre o ego, ao interferir no funcionamento adequado da consciência e **perturbar as adaptações criativas** do sujeito. Jung também admitia a existência de complexos que desviam desta natureza. Eram caracterizados como *"manifestações vitais da psique', feixes de forças contendo as potencialidades evolutivas que, todavia, ainda não alcançaram o limiar da consciência e, irrealizadas, exercem pressão para vir à tona"* (SILVEIRA, 1994, p. 37). Nota-se que a criatividade pode ser perturbada por complexos afetivos, que pressionam o ego com conteúdos inconscientes, que, por sua vez, apontam para potencialidades evolutivas do indivíduo.

A assimilação dos complexos é um passo importante no caminho de conhecer a si mesmo e envolve não só a tomada de consciência, em termos intelectuais, mas também sua exteriorização por meio de descargas de emoção. A autora explicita tal afirmação através do seguinte exemplo: *"Os primitivos davam expressão a traumas emocionais por meio de danças e cantos repetidos inúmeras vezes, até que se sentisse purgados desses afetos"*. (SILVEIRA, 1994, p. 36).

O ego é em si um complexo, formado primeiramente pela percepção corporal e, depois, pelos registros da memória. *"Para Jung, o ego é o organizador da esfera consciente da psique e é o responsável pelo sentimento de identidade, de continuidade e de coerência."* (NASSER, 2010). A medida que as vivências são aglomeradas em torno do ego, o indivíduo adquire autoconhecimento, controle executivo e autorreflexivo, o que significa a formação de uma individualidade e de um ego fortalecido. A potencialidade de todo ser humano de criar consciência, mesmo que intermitente, tem como função orientar o indivíduo no tempo e espaço.

O ego está para a consciência, assim como o centro da personalidade total, *self*, está para a psique. Através do modelo do *self*, a consciência se desenvolve enquanto é dirigida pelo ego. **Os conteúdos que não estavam afinados com o seu ego são acumulados na sombra**, constituída por conteúdos misturados de várias fases da vida, que foram deixados para trás e passaram a compor o inconsciente pessoal à medida que a persona se estabelece. *"A sombra é uma espessa massa de componentes diversos, aglomerando desde pequenas fraquezas, aspectos imaturos ou inferiores, complexos reprimidos, até forças verdadeiramente maléficas"*. (SILVEIRA 1994, p. 97). Tais conteúdos repugnantes e, por isso rejeitados, são projetados no outro enquanto não forem integrados à consciência.

A sombra, ignorada, expõe o que a persona não aceita, por isso é difícil acessar seus conteúdos. Quanto mais reprimida ela for, mais espessa e nociva ela se tornará à consciência. **Reconhecer e integrar traços da sombra é fundamental ao alargamento da consciência.** Quando

o ego passa a ter uma atitude favorável para elaborar tais questões, ainda que considere a sombra como indigna, conclui que ela não é, em si, boa ou má, certa ou errada. *"Mas também na sombra poderão ser discernidos traços positivos: qualidades valiosas que não se desenvolveram devido a condições externas desfavoráveis ou porque o indivíduo não dispõe energia suficiente para levá-las adiante"*. (SILVEIRA 1994, p. 97).

Jung descreve o Inconsciente não apenas como depósito de nosso material psíquico rejeitado pela consciência, mas como **fonte criativa** de tudo o que se pode ser, os **potenciais ainda não atualizados**. O inconsciente pessoal representa o registro das experiências individuais reprimidas, esquecidas ou vividas subliminarmente. É onde se localizam os complexos. Já no inconsciente coletivo, herdado por todo ser humano, representa os impulsos para agir de forma especificamente humana e não procede de nenhuma vivência anterior. É nele que estão contidos os arquétipos.

A saúde psíquica depende da medição dessas necessidades do inconsciente, com exigências do mundo externo, de forma a manter um fluxo energético que oscila entre os polos. *"Precisamente no confronto do inconsciente com o consciente, no conflito como na colaboração entre ambos é que os diversos componentes da personalidade amadurecem e unem-se numa síntese"* (SILVEIRA, 1994, p. 91). A psicologia analítica, portanto, tem como objetivo principal possibilitar a maior adaptabilidade do indivíduo com o mundo, a partir de uma aproximação entre consciente e inconsciente. Permite assim, que a psique trilhe seu caminho natural, em direção à totalidade.

Esse processo compõem o conceito junguiano de **individuação**, *"processo de desenvolvimento interior pelo qual o ser humano caminha na direção a tornar-se realmente um indivíduo, ou seja, o 'não dividido'."* (FARAH, 2008, p. 64). A busca por individualizar-se não segue um desenvolvimento linear, tampouco está relacionada com a procura pela perfeição, mas sim pela **completude**. Dessa forma, consiste em *"aceitar o fardo de conviver conscientemente com tendências opostas, irreconciliáveis, inerentes à sua natureza"* (SILVEIRA, 1994, p. 92).

Jung notou um paralelo entre **sintomas psíquicos e prejuízos corporais**. O funcionamento psíquico pode afetar o corpo assim como *"um sofrimento corporal consegue afetar a alma"* (JUNG, 1980, p.102). Dessa forma, compreendeu que não existe separação entre alma e corpo, uma vez que ambos são animados pela mesma energia vital. O psicólogo considerou a correlação entre corpo e psique tanto no adoecimento, quando no tratamento corporal.

"É fácil perceber que o que acontece psiquicamente com alguém reflete-se em seu corpo, o que nos autoriza a dizer que o inverso também é verdadeiro, ou seja, aquilo que acontece com o corpo reflete-se na psique, com maior ou menor envolvimento do corpo ou da psique nas alterações produzidas" (SEIXAS, 2009 p. 66).

Se experiências traumáticas podem ser incorporadas como sintomas, o contrário também se mostra verdadeiro, ou seja, é possível cuidar da psique a partir do tratamento corporal. Para tal, a abordagem faz uso do **material simbólico** com a finalidade de trazer à consciência conteúdos presentes em sonhos, obras artísticas, rituais, fantasias ou então, em sintomas corporais. *"O trabalho corporal, aproveitando o momento de rebaixamento da consciência, facilita a emergência de imagens do inconsciente, sua vivência e integração."* (SEIXAS, 2009 p. 74).

Os símbolos para Psicologia Analítica consistem em *"tentativas de expressar alguma coisa para a qual não existe conceito verbal"* (JUNG, 1971, p. 59). Além disso, têm sentido inesgotável, caráter conectivo, revelador e transformador. Eles têm a função de mediador, pois transferem o complexo inconsciente para a consciência *"uma tentativa de encontro entre opostos movida pela tendência inconsciente à totalização"* (SILVEIRA, 1994, p. 84). Para isso, a consciência precisa aceitar sua imagem arquetípica e elaborá-la.

Atentar para o **símbolo**, que emerge do inconsciente e integrá-lo ao consciente são processos indispensáveis para o **processo de individuação**. Através de suas próprias experiências, Jung percebeu que a individuação consistia no curso do desenvolvimento da personalidade, *"sempre progredindo em direção a um centro, a um núcleo energético que se revela existente no mais íntimo da psique"*. (SILVEIRA, 1994, p. 107).

4.4. BRINCAR: DO CORPO À PSIQUE

Winnicott (1896-1971), pediatra e psicanalista inglês, descreve a ideia do brincar através de uma formulação bastante simples, porém abrangente:

"A psicoterapia se efetua na sobreposição de duas áreas do brincar, a do paciente e a do terapeuta. A psicoterapia trata de duas pessoas que brincam juntas. Em consequência, onde o brincar não é possível, o trabalho efetuado pelo terapeuta é dirigido então no sentido de trazer o paciente de um estado em que não é capaz de brincar para um estado em que é." (WINNICOTT, 1975, p. 59).

Para refletir sobre **a função do brincar como possível forma de desenvolvimento psíquico** dentro do processo terapêutico foram exploradas as contribuições de Winnicott. Essas rompem com as dicotomias das ciências naturais de mente-corpo, eu-mundo e colocam a percepção corporal do próprio bebê como determinante para a introjeção das experiências mundanas. O autor quebra com a noção de normalidade, pois considera que a criação de sentido à vida da criança é determinada pela forma como ela irá introjetar os estímulos de cuidado e afeto que lhes são dados. Neste sentido, consideram o cuidado corpóreo não só como indispensável, mas de importância primordial para o desenvolvimento sadio da criança.

Winnicott foi um dos autores psicanalistas que mais destacou o valor da corporeidade para a vida saudável. Para ele, a **psique é inicialmente corpo**, pois é **formada por memórias sensoriais**, desde antes do nascimento: *"O corpo é essencial para a psique, na medida em que ela era vista, antes de tudo, como uma organização específica, proveniente da elaboração imaginativa das funções corporais"* (JUNIOR, 2008). Acreditava que o desenvolvimento saudável do indivíduo se constitui nesta sobreposição gradual entre psique e corpo, de tal forma que na saúde existiria uma aproximação sucessiva entre as fronteiras corporais e fronteiras da psique.

O bebê nos primeiros 6 meses de vida intrauterina já é capaz de escutar e detectar a voz materna. Tais memórias são estímulos fisiológicos acumulados, que começam a formar uma psique. O corpo é colocado, essencialmente, como uma **massa bruta com sensações, uma forma viva que se move e se comporta de maneira mais ou menos sensível**. A partir desta noção, o autor busca conceituar as relações entre o corpo e alguns mecanismos fundamentais para a construção de uma saúde vital para o indivíduo. Entre os mecanismos, estão o *holding*, o *handling* e o espaço transicional.

Segundo o pediatra, o bebê se encontra em total dependência no início da vida. Vive num mundo subjetivo, onde não há delimitação entre interno e externo e a psique ainda não foi alojada no corpo. Nesta etapa da vida, não existe bebê sem a mãe, ou vice-versa, mas sim uma unidade composta

pelos dois. Ao criar o conceito de mãe-ambiente, o autor sugere que esta representa o mundo externo do recém-nascido e deve garantir um ambiente facilitador para seu filho exercer sua tendência inata ao desenvolvimento.

Dessa forma, a mãe suficientemente boa deve permitir o deslocamento do corpo como fonte de satisfação erógena, para uma fase narcísica, que possibilita o estabelecimento de relações objetais, ou interpessoais. Para isso, é necessário que o bebê registre os movimentos de afeto e continência da mãe, denominado como *holding*, assim como manejo e atenção, chamado de *handling*.

A mãe suficientemente boa desempenha uma função de adaptação quase que total às necessidades do bebê. Esta deve diminuir gradativamente, conforme o tempo passa e o bebê desenvolve a capacidade de perceber e tolerar a falta da figura materna. Entre os recursos desenvolvidos para lidar com o fracasso materno está a experiência de limite de tempo para a frustração, primeiras atividades mentais, busca por satisfação auto-eróticas e, por fim, a capacidade de "*recordar, reviver, fantasiar, sonhar: o integrar de passado, presente e futuro*" (WINNICOTT, 1971, p. 25).

Além disso, é fundamental a apresentação de objetos para que o bebê caminhe de uma dependência absoluta para relativa. Objeto transicional representa o seio da mãe, ao mesmo tempo que precede teste da realidade, "*entre a criatividade primária e a percepção objetiva*" (WINNICOTT, 1971, p. 26). Ou seja, acompanha o progresso do bebê em sua jornada no sentido da experimentação, do existir puramente subjetivo à objetividade.

O autor descreve a área intermediária entre a realidade interna e externa ao bebê, isto é, entre o *eu* e o *não-eu*, que tem a função de amortecer o choque da conscientização a respeito da realidade. Para estabelecer uma relação com o mundo externo é preciso fazer coisas, para além de sonhar, desejar, pensar. Brincar é esse fazer, ou melhor, é o fenômeno transicional facilitador da transição da fase sensorial para a relação objetal. Esse estágio inicial do desenvolvimento é possibilitado pela capacidade adaptativa da figura materna às necessidades do bebê, permitindo assim a criação de um campo de ilusão, ou seja, a criação de uma área inerente à realidade interna e externa concomitantemente.

4.5. UM BREVE HISTÓRICO DO BAMBOLÊ

Os bambolês estão presentes em uma série de ambientes, como festas, parques, escolas, academias de ginástica, shows, circos e em diversas brincadeiras infantis. Para efeito sonoro, podem conter grãos de areia em seu interior, ou, para efeito visual no escuro, luzes de Led ou tochas de fogo acopladas. São feitos de madeira, plástico, metal ou aço, sua dimensão ou decoração também dependem da preferência ou intenção de quem o usa.

Pode-se optar por relevos em forma de ondas na parte interior, para maiores resultados no tônus muscular, ou por materiais leves para fins acrobáticos. A brincadeira pode envolver os braços, as pernas, o pescoço, o quadril e qualquer parte do corpo capaz de se deslocar no espaço e tempo, fazendo um movimento semelhante ao do pêndulo.

Segundo o site “*How Products are made*”⁴, existem registros de cerca **de três mil anos antes de Cristo**, os egípcios já utilizavam fios de parreira secos para construir seus bambolês, para girar em suas cinturas ou rodá-los no chão, empurrando com varetas ou jogando no ar. Na Grécia, aros feitos de videira eram utilizados como instrumento para exercício físico e, posteriormente, crianças gregas e romanas passaram a construir o brinquedo a partir de sucata.

Entre os índios de Dakota, a arte de bambolear se tornou uma prática profunda e sofisticada, muito utilizado na contação de histórias desta cultura. Representa o “Círculo da Vida”, pois quem dança, assiste o bambolê rodar acompanhando a linha do horizonte a formando, através de seu movimento, imagens similares a diversos padrões da natureza. São decorados com quatro cores sagradas que representam as direções cardeais e as estações do ano: Preto (outono ou Oeste), vermelho (verão e Sul), amarelo (primavera e Leste) e o branco (inverno e Norte).

Já no continente Norte-Americano, segundo o site “*Wired*”⁵, existem registros de crianças esquimós que treinavam habilidades de arpão com arcos. Ao lançá-lo pelo chão, girando na vertical, atiravam um bastão com a intenção de atravessá-lo por dentro do bambolê. Era uma maneira de se divertir e praticar a precisão utilizada por povos nativos americanos e da Primeira Nação.

No século XIV, ingleses de todas as idades começaram a brincar com argolas caseiras, o que se tornou uma mania, até que foram condenados por causarem dores nas costas ou até ataques cardíacos.

4 HOLMES, Gilian in Hula Hoop, How Products Are Made, 2010. Disponível em: <<http://www.madehow.com/Volume-6/Hula-Hoop.html>> Acesso em: 5 jun. 2020.

5 Uncovering the History of the Hula Hoop, Wired, 2010. Disponível em: <<https://www.wired.com/2010/11/uncovering-the-history-of-the-hula-hoop/>> Acesso em: 5 jun. 2020.

Nomeados de "aros mortais", passaram a ser contraindicados pelos médicos. É possível verificar tal contraindicação na *Figura 3*, retirada do jornal *La Domenica del Corriere*⁶.

O bambolê que conhecemos hoje feito com plásticos coloridos é uma invenção norte-americana. Arthur Melin e Richard Knerr eram donos de uma fábrica de brinquedos, a mesma que lançou o disco de plástico "voador" conhecido como "*Frisbee*". Ainda segundo o site "*Wired*", em 1948, durante uma viagem, observaram crianças australianas brincando com aros orgânicos entrelaçados.

Após 10 anos, lançaram o brinquedo nos Estados Unidos, nomeando-o de Hula Hoop, em função dos movimentos dos quadris similares aos da dança havaiana e venderam 25 milhões de unidades em 4 meses. Pouco depois, a marca *Estrela* lançou o brinquedo no Brasil, nomeando-o de Bambolê por conta do verbo "bambolear" (gingar), segundo o site "*Portoweb*"⁷.

Apesar de ter o auge de vendas em 1960, o brinquedo nunca desapareceu totalmente. Se estabeleceu de maneira firme no estilo de vida da infância americana, enfatizado pela ideologia moderna de vida ativa e saudável, sendo muito utilizado com a finalidade de incentivar a atividade física.

Ao contrário do que os médicos britânicos acreditavam, a atividade tem benefícios para a mobilidade dos membros e articulações envolvidos, em principal a coluna e o quadril. Dentre suas vantagens, está também o fortalecimento da musculatura, envolvendo praticamente todo o corpo, com ênfase no abdômen, o alongamento da postura e o exercício aeróbio. Além disso, é uma ferramenta que favorece um trabalho corporal de cunho criativo e artístico, explora o equilíbrio, o movimento circular, a flexibilidade e adaptabilidade.

⁶ *Domenica del Corriere* era um jornal semanal italiano que decorreu de 1899 a 1989. Lançado aos domingos, junto ao *Corriere della Sera*, era conhecido por seus desenhos de capa. Disponível em: <https://www.corriere.it/cronache/08_marzo_28/domenica_corriere_prime_pagina_51b42328-fc97-11dc-baaf-00144f486ba6.shtml> Acesso em: 5 jun. 2020.

⁷ Dia mundial do bambolê, *Iproweb*. Disponível em <http://iproweb.procompa.com.br/pmpa/prefpoa/pwdtcomemorativas/default.php?reg=20&p_secao=19> Acesso em 5 de junho de 2020.

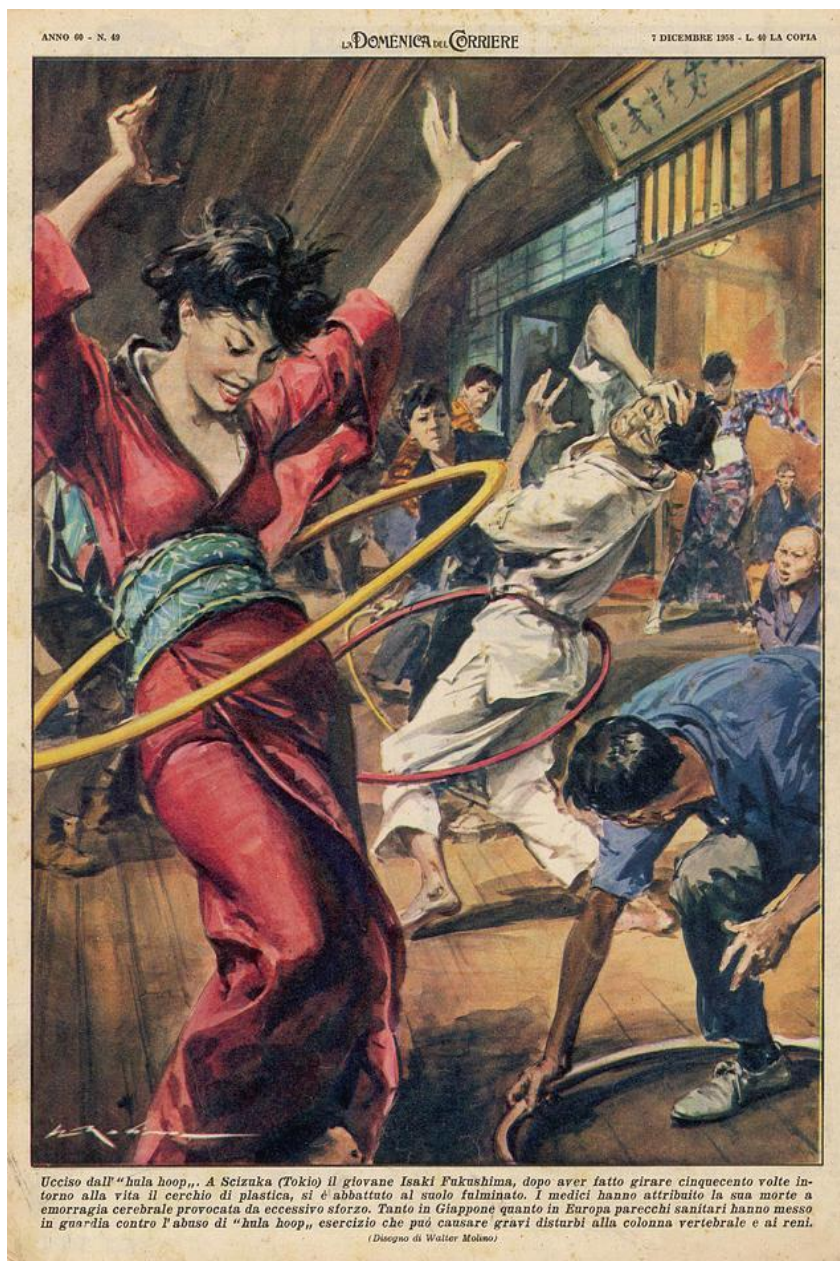


Figura 3: "Morto pelo "bambolê". Em Scizuka (Tóquio), o jovem de Isaki Fukushima, depois de fazer o círculo de plástico girar quinhentas vezes em volta da cintura, caiu no chão e foi eliminado. Os médicos atribuíram sua morte a hemorragia cerebral causada por esforço excessivo. No Japão e na Europa, vários profissionais de saúde alertaram contra o abuso de exercícios de "bambolê", que podem causar sérios distúrbios na coluna vertebral e nos rins."

(Desenho de Walter Molino, Ano 60 - Texto traduzido do original publicado no periódico **La Domenica Del Corriere**

- 7 de dezembro de 1958 s

8 Mary Evans Picture Library, During The Hula-hoop Craze, Fine Art America, 2018. Disponível em <<https://fineartamerica.com/featured/during-the-hula-hoop-craze-japanese-mary-evans-picture-library.html>> Acesso em 5 de junho de 2020.



Figura 4: Quadro de Peter Bruegel. Jogos infantis, 1560 (MICKLETHWAIT, 1997 *apud* MORAES, 2013)



Figura 5: Brincadeira de empurrar o aro com pequenos bastões (detalhe ampliado da figura 4)

9 MORAES, Salette Sonaglio. **História dos Brinquedos Infantis**. UNICENTRO, Pato Branco. 2013. Disponível em <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2013/2013_unicentro_hist_pdp_salette_sonaglio_moraes.pdf> Acesso em 5 de junho de 2020.



Figura 6: "Richard Knerr se divertindo adoidado com dois bambolês, enquanto seu sócio de maluquices Arthur Melin joga um Frisbee na direção do leitor. FOTO: CORTESIA POLLACK PR MARKETING GROUP"

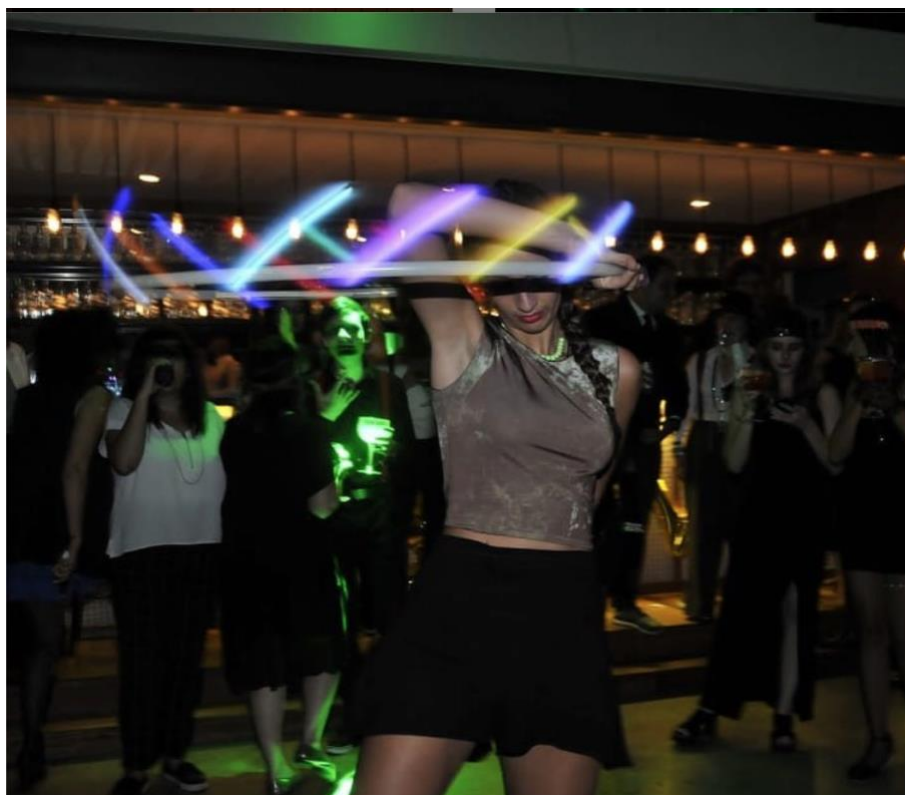


Figura 5: Fotografia de performance de bambolê em festa corporativa. Fonte: arquivo pessoal.

5. RESULTADOS DOS QUESTIONAMENTOS REALIZADOS PELA PLATAFORMA DIGITAL INSTAGRAM

O relato das experiências sensitivas e de aprendizado obtidos pela prática de bambolear possibilita a investigação a respeito dos diferentes sentidos que a dança com bambolê pode produzir. Cada vivência relatada contribui para a construção de uma malha compreensiva que sustente os conceitos teóricos levantados a partir das óticas fenomenológicas, junguianas e winnicottianas aqui discutidas.

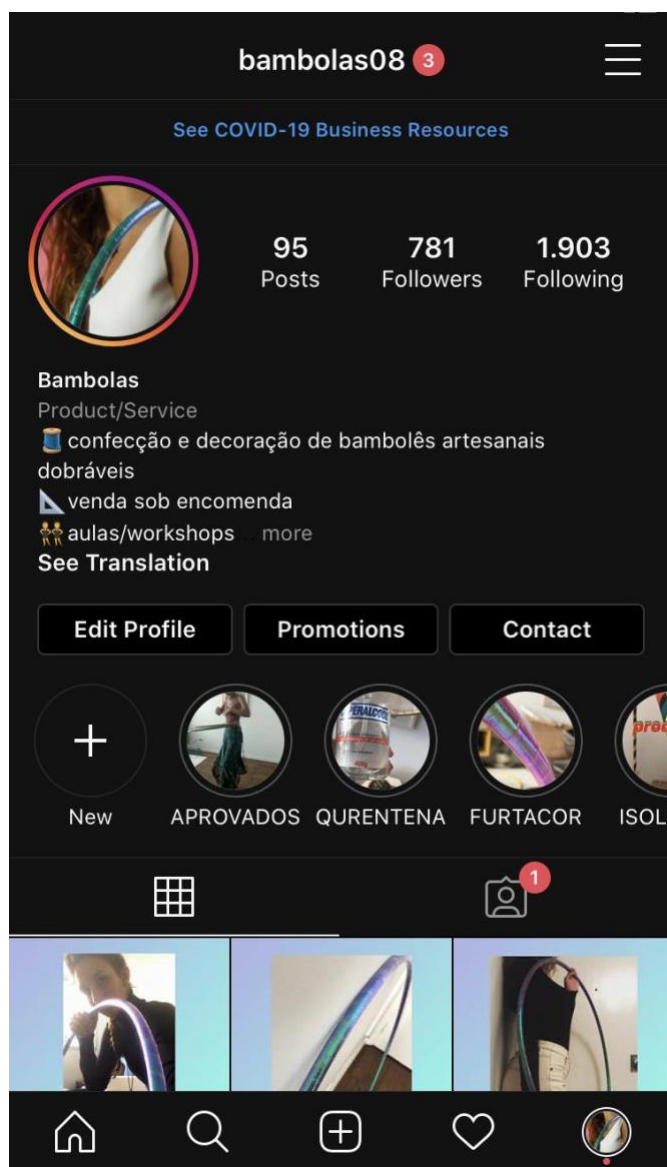


Figura 6: Reprodução fotográfica da tela da página @BAMBOLAS08 (Perfil de entrada)

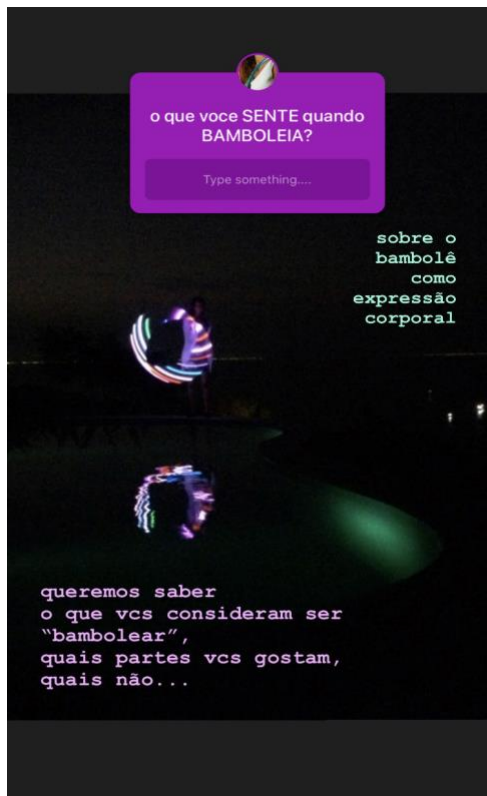


Figura 8: Reprodução fotográfica da tela do primeiro questionamento: *"O que você sente quando bamboleia? - Queremos saber o que vocês consideram ser "bambolear", quais partes vocês gostam, quais não..."*



Figura 9: Reprodução fotográfica da tela do segundo questionamento: *"O que você já aprendeu com o bambolê? Ou usou algum aprendizado anterior para conseguir bambolear?"*

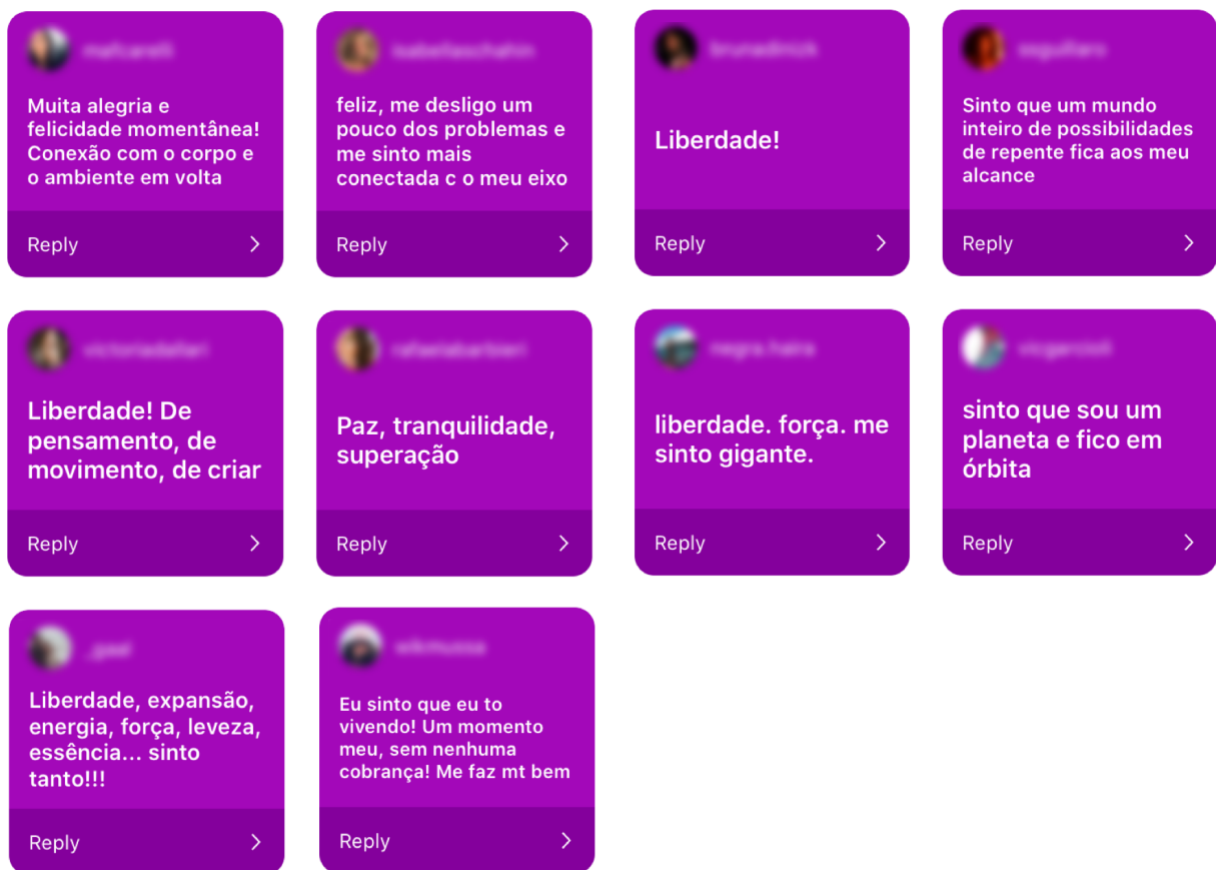


Figura 10: Reprodução fotográfica da tela de respostas ao 1º questionamento.

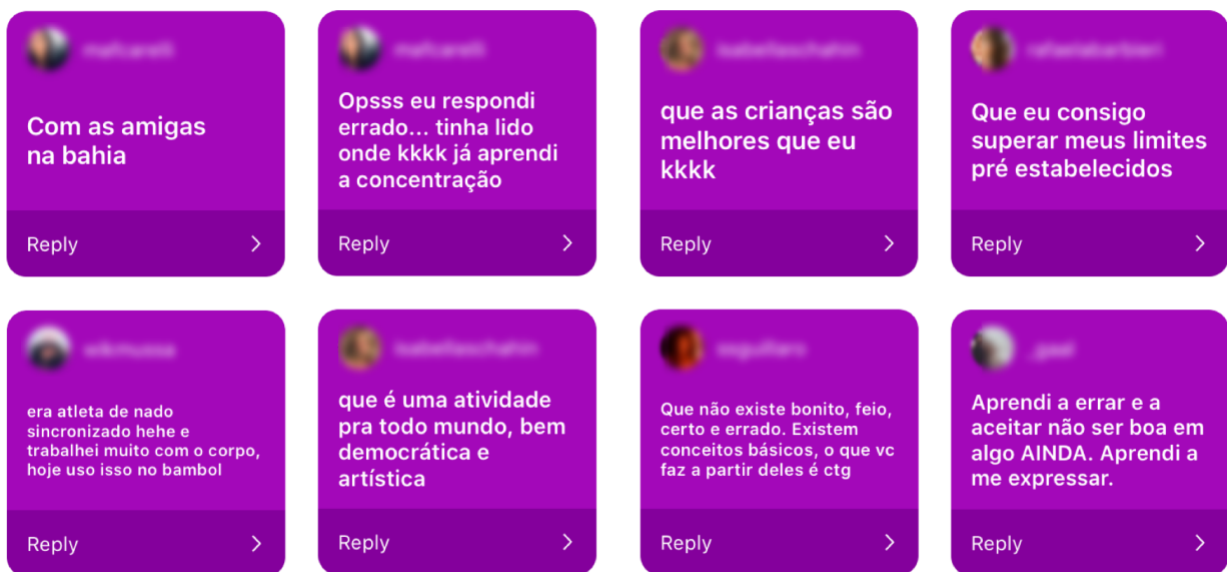


Figura 11: Reprodução fotográfica da tela de respostas ao 2º questionamento.

6. DESENVOLVIMENTO: O BAMBOLÊ COMO RECURSO TERAPÊUTICO

6.1. O BAMBOLÊ EM “CON (TATO)”

"O maior sentido do nosso corpo é o tato. Provavelmente, é o mais importante dos sentidos para os processos de dormir e acordar; informar-nos sobre a profundidade, espessura e a forma; sentimos, amamos e odiamos, somos suscetíveis e tocados em virtude dos corpúsculos táteis da nossa pele"
(J. Lionel Tyler, 1921 *apud* MONTAGU, 1988, p. 21)

O trabalho do antropólogo Ashley Montagu (1905-1999) acerca da pele, como órgão sensitivo que envolve o corpo por completo, foi responsável pelo reconhecimento da importância do tato nos dias de hoje. Marcel Gaumond (2014) conta que através de experimentos com ratos de laboratório, Ashley descobriu que, ao tocar nos animais duas vezes ao dia com algodões úmidos e quentes, influenciava seus organismos a produzirem anticorpos. Este fato pode ser aproximado à **prática do bambolê, pois sugere que o aprendizado sensorio motor obtido na dança é propiciado por intermédio do tato.**

"A pele, como uma roupagem contínua e flexível, envolve-nos por completo". (MONTAGU, 1988 p. 21). É o órgão mais antigo, extenso e sensível ao longo da vida do ser humano. Além disso, é o primeiro sentido a desenvolver-se no embrião humano, como órgão protetor e de comunicação. *"Como as fronteiras de uma civilização, a pele é um bastião, local em que se travam escaramuças, e em que invasores encontram a resistência"* (MONTAGU, 1988 p. 25). **A pele tem a mesma origem embrionária que o cérebro** - ectoderme, conectando o sistema nervoso aos estímulos do ambiente. Sua função de mediadora de sensações, possibilita a dupla recepção tanto dos estímulos do ambiente, quanto das informações emitidas pelo sistema nervoso central.

"O espelho dividido, que é composto pela pele e pelo sistema nervoso, termina, por conseguinte, olhando para si próprio, por assim dizer, resultando daí um confronto que estimula um incessante movimento de

imagens bem como o surgimento daquilo que apropriadamente se denomina pensamento reflexivo" (André Virél apud MONTAGU, 1988 p. 23)

Dessa forma, o autor chama atenção para sua captação de informações, traduzidas para o sistema nervoso pelos níveis de **pressão temperatura, fluxo sanguíneo, processamento e medição de sensações - sempre trabalhando no sentido de manter a homeostase**. Dentre as funções exercidas por ela estão a **proteção e regulação**. *"Tecida de uma variedade de células resistentes e robustas"* (MONTAGU, 1988 p. 25), tem função de barrar e absorver materiais tóxicos, bem como organismos estranhos ao corpo. Isso significa que *"exerce uma influência altamente benéfica sobre seu sistema imunológico, o que tem importantes consequência para a resistência contra doenças infecciosas e outras"* (MONTAGU, 1988, p. 43). Sua função protetora é desempenhada por meio de uma camada gordurosa, que reduz conforme o tempo, tornando-se mais seca, fina, flácida e sensível.

A pele, do rosto principalmente, armazena *"as tentativas e os triunfos de toda uma vida e com isso transporta a própria memória de suas experiências"* (MONTAGU, 1988, p. 23). **O contato físico é uma necessidade primária para o desenvolvimento emocional e capacidade imunológica**. Através do toque afetivo, uma série de vivências, *"emergem as emoções, penetram os pesares, a beleza encontra sua profundidade"* (MONTAGU, 1988 p. 24) e, assim, se constrói **humanidade**.

"A história marca esse corpo e isso pode ser observado claramente, pois este absorve valores, crenças e sentimentos que estão presentes na sociedade (CARVALHO, 2006). Como reforça Daólio (1995, p. 105): "No corpo estão inscritas todas as regras, todas as normas e todos os valores de uma sociedade específica, por ser ele o meio de contato primário do indivíduo com o ambiente que o cerca." (RODRIGUES, 2013, p. 2)

Para que o sujeito aprenda a girar o bambolê na cintura, no braço ou pescoço é preciso que a pele capture e armazene as informações geradas por este contato. O sistema nervoso é estimulado até que as sensações obtidas nesta experiência sejam memorizadas. Se a dança com o bambolê pode ser considerada uma expressão artística, carregada de conteúdos afetivos, crenças e valores, a comunhão

entre pele e bambolê possibilita a emissão de tais emoções já presentes no corpo, por vezes, nunca percebidas.

6.2. BRINCANDO COM O BAMBOLÊ

Segundo Winnicott, muitos dos **sintomas corporais** são decorrentes de carências no decorrer do desenvolvimento da criança. Com isso, **propõe o ambiente lúdico como alternativa de tratamento para que esses sintomas apareçam e sejam elaborados.** *"Se tudo corre bem, o bebê pode, na realidade, vir a lucrar com a experiência de **frustração**, já que a adaptação incompleta à necessidade torna reais os objetos, o que equivale a dizer, tão odiados quanto amados."* (WINNICOTT, 1971, p.25).

De acordo com o autor, o desenvolvimento da psique se constitui a partir da **elaboração imaginativa das funções corporais**. As vivências relacionadas ao processo de brincar estão diretamente ligadas à maneira pela qual **a psique reconhece e utiliza o corpo como instrumento relacional com o mundo**. Entretanto, tal relação entre corpo e mundo é caracterizada por **conflitos**, gerados a partir da conscientização a respeito da realidade e amenizados pela criação do espaço transicional.

Se existe um enunciado duplo de realidade externa e interna, Winnicott propõem um triplo: a área intermediária de experimentação, sujeita a contribuição das realidades interna e externa. Para que o campo de ilusão, ou espaço transicional, seja vivenciado como uma etapa de desenvolvimento, se faz necessária uma **primeira posseção de um objeto pertencente à ordem do "não-eu" ainda que não sejam reconhecidos como externos ao sujeito**.

*"A criança traz pra dentro dessa área da brincadeira objetos ou fenômenos oriundos da realidade externa, usando-os a serviço de alguma amostra derivada da realidade interna ou pessoal. **Sem alucinar, a criança põe para fora uma amostra do potencial onírico** e vive com essa amostra num ambiente escolhido de fragmentos oriundos da realidade externa"* (WINNICOTT, 1971, p. 76).

A dança com o bambolê possibilita o desenvolvimento dessa "área intermediária de experiência, entre o polegar na boca e o ursinho, entre o erotismo oral e a verdadeira relação de objeto, entre a atividade criativa primária e a projeção do que foi introjetado" (WINNICOTT, 1971, p. 14). Isso porque o aro pertence à realidade externa, ao mesmo tempo que é passível de produção criativa, ou seja, **o objeto pode ser manipulado a serviço de significados e sentimentos oníricos.**

"Trata-se de uma área que não é disputada, porque nenhuma reivindicação é feita em seu nome, exceto que ela exista como lugar de repouso para o indivíduo empenhado na perpétua tarefa de manter a realidade interna e externa separadas, ainda que inter-relacionadas". (WINNICOTT, 1971, p. 15).

Existe um percurso evolutivo que se inicia no fenômeno transicional, avança para a capacidade de brincar, depois para a possibilidade de compartilhamento desse brincar, para finalmente suscitar as experiências culturais. Dentre essas experiências encontra-se o dançar e brincar com bambolê, atividade a qual permite o **agrupamento entre seres humanos.** Segundo Winnicott (1971), tal compartilhamento é sustentado pela similaridade entre as experiências ilusórias.

Para isso, com o passar do tempo, a gradual **ampliação do âmbito dos interesses** se faz necessária, de forma que o objeto transicional perca seu significado, dando lugar a outro. Isso não significa que ele será esquecido, ou prateado, mas que se **espalhará, dissolverá, pelo território intermediário, isto é, por todo o campo cultural.**

"Nesse ponto meu tema se amplia para o do brincar, da criatividade e apreciação artística, do sentimento religioso, do fetichismo, do mentir e do furtar, a origem e a perda do sentimento afetivo, o vício em drogas, o talismã dos rituais obsessivos, etc." (WINNICOTT, 1971, p.19).

Esta área intermediária de experimentação é sustentada ao longo da vida por atividades lúdicas e criativas, como a admiração artística, o sentimento religioso e o sonhar. Esse processo permite que

o sujeito estabeleça **relações saudáveis** e benéficas com o mundo, **aceitando a impermanência e a transitoriedade das relações**.

Neste sentido, o brincar com **o bambolê pode ser considerado como expressão criadora de cultura**, pertencente ao território intermediário. Isso porque não está totalmente separado de seu corpo, é passível de transformações e criações infindas que favorecem tanto a emersão de conteúdos próprios, quanto à adaptação às demandas externas que fogem de seu controle.

O brincar das crianças pode ser observado também nos adultos, em sua maioria através da comunicação verbal, por exemplo na escolha das palavras, no tom de voz, na ironia, no humor, na franqueza. "*É no brincar que a criança ou o adulto fruem sua liberdade de criação*" (WINNICOTT, 1975). Tal **sentimento de libertação** foi abordado por muitas participantes do questionário. A palavra "liberdade" foi citada em 4, das 10 respostas à pergunta 1 - "O que você sente quando bamboleia?". Além disso, apareceram falas que remetem à sensação libertinosa, como "paz, tranquilidade e superação", "sem nenhuma cobrança" ou "um mundo inteiro de possibilidades ao meu alcance".

O bambolear, compreendido pela ótica winnicottiana em sua dimensão lúdica, envolve uma **preocupação** - característica do brincar infantil - relacionada não ao conteúdo, mas ao **estado de quase alheamento** de quem habita tal área. Esse estado se assemelha à concentração dos jovens e adultos, o qual não pode ser facilmente abandonado e tampouco admite intrusões.

Chama atenção ao trabalho de Milner, quando este **relaciona o brincar das crianças ao trabalho dos adultos**, referindo-se ao comportamento de concentração: "*Quando comecei a perceber que esse uso de mim poderia ser não apenas uma regressão defensiva, mas uma fase recorrente e essencial de uma relação criativa com o mundo*" (Winnicott, 1971, p. 59 *apud* MILNER, 1952).

"Os momentos em que o poeta original dentro de nós criou o mundo externo, descobrindo o familiar no não familiar, são talvez esquecidos pela maioria das pessoas ou permanecem guardados em algum lugar secreto da memória, porque se assemelham muito a visitas de deuses para que sejam mesclados com o pensamento cotidiano." (Winnicott, 1971, p. 60 *apud* MILNER 1957)

Por isso, a prática em questão resgata a criança que há dentro de cada um, através da dança, da performance e da brincadeira de rua. Esse fenômeno transicional se estende à toda capacidade de vivenciar a cultura, permitindo ao indivíduo tornar-se capaz de encontrar e organizar suas personalidades individuais.

Por mais que envolva inspirações, modelos ou referências culturais, a dança será única, individual, pois algo de **particular** e inconsciente emergirá do acordo entre o sujeito e o bambolê. É uma atividade permeada pelo movimento **criativo** e espontâneo. Ao manter o arco em movimento, cada um descobre sua forma, sua singularidade, seu ritmo ainda que circunscrito dentro de um coletivo.

A partir da demonstração de **cooperatividade**, característica da prática de bambolear, cria-se um ambiente de aprendizado de qualidade, capaz de proporcionar a **reorganização da consciência corporal**. Isso porque através da **interpenetração presente no brincar com o bambolê**, se pratica o foco e **concentração** corporal, dentro de um espaço e tempo. A constante redefinição corpórea afina os sentidos e conecta o ser ao momento **presente**.

Com isso, minimiza-se o impacto das intoxicações sociais e aproxima os sujeitos de seu próprio saber. Novas formas de utilizar o corpo e de estar no mundo são aprendidas. A **consciência corporal é estimulada**, bem como a troca entre diferentes pessoas no processo de aprendizagem, contribuindo para o aprimoramento do convívio social.

Tanto a filosofia fenomenológica, bem como o pensamento winnicottiano partem na noção do corpo como um *“campo perceptivo, formador do sujeito, indivisível e onde acontece o intercâmbio entre o eu e o não-eu”* (DORS, 2016). Existe uma correlação na compreensão de **corpo como unidade pensante, viva e criativa**.

A partir desses pensadores, é perceptível a existência de uma **relação dialética**, no que tange às formas de ser no mundo. **O lúdico é posto por Winnicott (1971) como uma maneira de conhecer o mundo a partir do próprio corpo, ao mesmo tempo que se conhece o próprio corpo a partir da relação com o mundo.**

Esse intercâmbio do corpo para o mundo e do mundo para o corpo se mantêm de maneira contínua e fluida por toda a passagem existencial. Assim, se permite que o **indivíduo caminhe em direção à totalidade da existência experiencial**, o que Winnicott denominou de *verdadeiro self*. *“Para controlar o que está fora, há que fazer coisas, não simplesmente pensar ou desejar, e fazer coisas toma tempo. Brincar é fazer.”* (WINNICOTT, 1971, p. 63)

6.3. A EXPERIÊNCIA DE BAMBOLEAR: MOVIMENTO E LIBERDADE

*"Por que o tema deste nosso encontro é corpo e **corporeidade** e não somente corpo? Porque todos nós intuimos a insuficiência de uma visão física, objetiva, material, orgânica, fisiológica, do corpo. Queremos descrever a qualidade de nossa relação com o mundo através do corpo que somos, pois é através dele que se dá todo **contato e reconhecimento do mundo.**"*
(REHFELD, 2004).

O capitalismo contemporâneo, com seus valores e ideias centradas no "mercado", marca a pele de quem nele ingressa. Ao exigir atitudes baseadas no pragmatismo e na eficiência, deixa de lado a questão corpórea em seu âmbito **desconhecido, sensitivo, inconstante e criativo**. O pensamento de Heidegger, ao propor uma nova compreensão da natureza mais originária do homem, quebra com o paradigma da invariabilidade e permanência do ser.

Segundo Michelazzo (2002), Heidegger acredita que isso significaria uma tentativa de apreender o fenômeno "corpo" no presente do indicativo - como algo que é, disponível para ser visto, observado, estabelecido, teorizado e calculado. Porém, tal investigação esqueceu do sentido originário e fundante do ser, isto é, o *"fluxo do movimento e mudança do real"*. (MICHELAZZO, 2002, p.17)

A concepção de existência humana, enquanto Dasein, **sempre junto às coisas, envolve a disposição para ressignificar sua existência**. Para o Dasein, **corporeidade não é uma coisa, um corpo possível de ser calculado, tampouco é algo que está contido no corpo. É uma qualidade existencial, tanto quanto espacialidade e temporalidade, diz respeito ao ser corporal, ao corpo que é e ao corpo que pode ser**.

O corpo existencial é compreendido como aquele que está lançado no mundo e acompanha sua trajetória no cotidiano, no aguardo do futuro, junto ao presente e reformando o passado. Portanto, **a fenomenologia da corporeidade pretende resgatar tal qualidade ontológica da experiência corporal cotidiana**, ao descrever o **vivido antes de ser teorizado** e separado pelo pensamento técnico, *"buscando a qualidade da experiência com o outro, no mundo"* (REHFELD, 2004).

Particularidades como classe, grupo, geração, sexo, etnia e história individual vão **desenhar um universo sensorial**. Isso significa um **fechamento simbólico que influencia a regulação de emoções e expressões culturais**, restringindo a sensorialidade possível. Neste sentido, a **cultura** será responsável por permitir ou não a evocação de determinadas **aptidões biológicas**, uma vez que é a partir da relação com o ente que o cerca que se instaura os sentidos.

A partir de sua **história de vida**, o indivíduo irá interpretar o que vem ao seu encontro a partir de um **ângulo de aproximação**, através do qual constrói suas **percepções**. Essas, são compreendidas como significações entrelaçadas com **expectativas, pertencas sociais e culturais**. Nota-se que as coisas não existem em si, são sempre investidas de um olhar valorativo, que as torna dignas de serem percebidas, como afirma Merleau-Ponty (1945, p. 370):

"A coisa não pode jamais ser separada de quem a percebe"

Assim, a forma como a **cultura se faz presente cotidianamente no corpo** gera emoções que são traduzidas nas estruturas musculares, através de funções fisiológicas, formando a **memória emotiva**. A cada instante, o presente se integra ao passado, deixa sua marca, reconstrói memórias, modifica as atitudes e cria novas expectativas para o futuro. Tal experiência de acompanhar **fluxo de movimento e mudança do real**, pode ser manifesta na dança com o bambolê. As respostas ao primeiro questionamento feito na página do Instagram, explicitaram a apreensão de tal movimento corpóreo:

"Sinto que sou um planeta e fico em órbita"

"Liberdade, expansão, energia, leveza, essência... sinto tanto!!!"

Com isso, é possível sugerir que a dança em questão é desprovida de pressupostos, regras ou limites, trabalhando com uma nova maneira de estar no mundo, enquanto **corporeidade**. A partir da apropriação do **potencial transformador e criativo** existente em todo ser humano, a prática lança luz sobre a noção de **liberdade constitutiva do ser-aí**. Tal noção aparece explícita ou implicitamente em grande parte das respostas aos questionamentos feitos pela plataforma Instagram.

"Liberdade, força, me sinto gigante"

O objeto bambolê, em sua concretude, pode ser mensurado e definido por seu tamanho, formato, decoração, textura, consistência e peso. A tecnologia permite a avaliação de quantas calorias se perderam ou quanto tempo durou a interação, entretanto a experiência em si jamais poderá ser apreendida. Quando se vivencia o **ato de bambolear**, as sensações corporais colocam o Dasein em contato com os seus sentimentos de maneira incontrolável e inacabável. Com isso, compreende-se que apesar de haver a necessidade cultural de mensurar o aprendizado, tal referencial pode ser superado através dessa atividade de movimentação corporal.

A partir do que cada um já vivenciou, das condições presentes e do que pretende atingir, se constrói uma individualidade, que se expressa na maneira como o sujeito se relaciona com o mundo. **O dançar bambolê é uma produção artística que consiste na apropriação da potencialidade desses sentidos existenciais, uma vez que o mesmo movimento está sempre constituindo e sendo constituído por um espaço, um tempo.** Como foi dito, dentre os fenômenos fundamentais para a compreensão dos processos sensitivos da corporeidade está a temporalidade e a espacialidade. Tal aspecto foi explicitado na resposta de uma das voluntárias que respondeu ao segundo questionamento (O que você aprendeu com o bambolê?):

"Que não existe bonito, feio, certo e errado. Existem conceitos básicos, o que você faz a partir deles é contigo."

Pode-se considerar o dançar com **bambolê como expressão da existência humana que contribui para a noção de corpo como unidade dinâmica em constante mutação.** Isso porque, para acompanhar o percurso do objeto pelo corpo é preciso efetuar movimentos pouco habituais. Em qualquer que seja a situação, movimentos e interações, nunca antes experienciados, serão constantemente renovados.

Para isso, torna-se necessário restaurar o histórico de aprendizado e significações corporais. **O indivíduo é impelido a reestruturar sua maneira de interagir e, conseqüentemente, suas verdades e convicções, para adaptar-se às demandas inusitadas que aparecem através do contato.**

Tal movimento foi apontado também por Merleau-Ponty, em sua contribuição acerca da **corporeidade**, descrita como:

"conjunto de significações vividas e produção de novas significações, fruto do estar no mundo." (Merleau-Ponty, 2006 *apud* ZANATTA, 2018).

O corpo não só percebe os estímulos do ambiente, mas trata-se também de uma **expressão criadora**. O autor fundamenta sua análise **no movimento, como ação doadora de sentido à percepção**. Compreende a percepção como um fenômeno, um acontecimento da existência, deixando de privilegiar uma racionalidade, que exclui o corpo, para então resgatar uma **noção de saber corpóreo**.

Os movimentos acompanham nosso acordo perceptivo com o mundo. Situamo-nos nas coisas dispostos a habitá-las com todo nosso ser. As sensações aparecem associadas a movimentos e cada objeto convida à realização de um gesto, não havendo, pois, representação, mas criação, novas possibilidades de interpretação das diferentes situações existenciais. (NÓBREGA, 2008)

O movimento promove uma **sincronia entre os acontecimentos do ambiente e do corpo, levando a uma nova interpretação das experiências**, ou seja, à **aprendizagem**. Traça-se um **paralelo entre sentir e compreender**, já que a condição corpórea e o acontecimento dos gestos inauguram a possibilidade de uma razão que emerge do corpo. Seus sentidos biológicos, afetivos, sociais e históricos redirecionam o fenômeno do conhecimento para uma experiência vivenciada. Tão logo esses movimentos são aprendidos, tornam-se **"automáticos"**, de forma que não é mais preciso pensar sobre os inúmeros fatores envolvidos.

Soffer (2001), baseia-se em Merleau-Ponty ao negar a noção de percepção como exclusivamente biológica ou fisiológica, ao defini-la como:

"a simultânea experiência ativa e passiva de tocar e ser tocado, de sentir e ser sentido, no encontro com o outro" (SCORSOLINI-COMIN, 2008).

A corporeidade é constituída nessa vivência cultural: na alteridade, nos gestos, nas vozes, no contato com as outras pessoas. Assim, a noção pessoal de **identidade seria constantemente reformada pelo movimento e pelas experiências, tanto individuais quanto coletivas.**

De acordo com Fábio Scorsolini-Comin (2008, apud SILVEIRA, 2005), a obra de Foucault também oferece contribuições que vão de acordo com a filosofia merleau-pontyana apontada. **Ele destaca o corpo como palco onde se articulam os saberes e poderes**, significando, portanto, um **campo produtor de individualidade.**

Ademais, aponta que a constante reconstrução da **sensorialidade** se dá conforme as mudanças políticas de cada momento, já que não está imersa apenas em fatores biológicos, mas **interpenetrada de história.** Tal noção de paralelismo entre o sentir e compreender é explicitada em uma resposta ao questionamento *"O que você sente ao bambolear?"*:

"Liberdade de pensamento, de movimento, de criar"

A partir da frase de Merleau-Ponty (1964, p. 53 *apud* BRETON, 2016) **"meu corpo é a carne do mundo"**, compreende-se que a condição da existência humana se dá a partir da **imersão sensorial e, portanto, corporal.** O existir é constantemente atravessado e transformado pela percepção obtida através das reverberações das sensações de si e das coisas. **A carne, como caminho de abertura para o mundo, caracterizada pela impermanência, movimenta e manifesta, por meio de seus sentidos,** o conhecimento construído pelas relações individuais, históricas e sociais.

"Todo conhecimento move-se em nós pelos sentidos: eles são os nossos mestres [...]. A ciência começa por eles e resolve-se neles. Em última análise, não saberíamos mais do que uma pedra se não soubéssemos que existe seu odor, luz, sabor, medição, e maleabilidade, dureza, aspereza, cor, polimento, largura, profundidade [...]. Se alguém me pressionar a

contradizer os sentidos, agarrando-me pela garganta, mesmo assim não me faria recuar um passo sequer. Os sentidos são princípio e fim do humano conhecimento" (Breton, p. 21, apud MONTAIGNE)

Fica posto, então, que o indivíduo toma consciência de si e do mundo a partir do sentir, tornando inteligível a percepção do concreto. Para sustentar o bambolê girando no ar, é preciso estar inteiramente **presente no aqui e agora, concentrado em sua vivência corporal e psíquica.** Uma voluntária que participou do questionamento afirmou que um aprendizado que obteve com o bambolê foi a **capacidade de concentrar-se.** Outra resposta apontou a conexão com o próprio "eixo", como uma sensação gerada a partir do **movimento** circular em questão.

O desenvolvimento da capacidade de ser seu próprio observador implica a **abertura de espírito**, sem pressupostos de escolas ou anseios por resultados predefinidos. É possível perceber tal abertura de uma participante quando responde à questão *"O que você sente quando bamboleia?"*:

"Sinto que um mundo inteiro de possibilidades de repente fica ao meu alcance"

Pode-se compreender tal relato como uma verbalização da abertura perante às infinitas formas de movimentar-se com o bambolê. Como citado anteriormente, a mesma participante respondeu à segunda questão, dizendo que seu aprendizado ao bambolear foi que não existe certo ou errado, bonito ou feio, mas sim alguns conceitos básicos a partir dos quais, infinitas possibilidades de movimento poderiam ser criadas. *Outra participante, ao responder à questão "O que você já aprendeu com bambolê?"*, afirma:

"Que eu consigo superar meus limites pré estabelecidos"

Abandona-se a autoridade e sugestão, para se pautar na humildade e respeito perante o desconhecido. (GAUMOND, 2004). A disposição de **se maravilhar com o aqui e o agora** é preservada durante essa prática de livre exploração corporal. Assim, ao bambolear, torna-se propícia

a **imersão sensorial que favorece a tomada de consciência de si**, enquanto corpo-sujeito. Dessa forma o indivíduo se reconhece e se expressa ativamente no mundo através de sua existência corpórea, **busca continuamente a adaptação às condições mundanas**. Tal unidade de corpo, mente e ambiente é apontada por uma participante, quando responde à pergunta: "O que você sente quando bamboleia?":

"Muita alegria e felicidade momentânea! Conexão com o corpo e o ambiente em volta"

Como apontado pelas voluntárias que responderam ao questionamento, é possível compreender que **a prática de bambolear é uma forma de movimentação corporal que gera sensação de liberdade**. Portanto, isso significa que a dança se constitui como uma prática de cuidado à saúde psíquica. Heidegger explicita esse paralelo entre saúde mental e liberdade, a partir da seguinte passagem dos *Seminários de Zollikon*:

“O homem é essencialmente necessitado de ajuda, por estar sempre em perigo de se perder, se não conseguir lidar consigo. Esse perigo é ligado à liberdade do homem. Toda a questão do poder-ser-doente está ligada à imperfeição de sua essência. Toda doença é uma perda de liberdade, uma limitação da possibilidade de viver.” (HEIDEGGER, 2017, p. 168).

Dessa forma, segundo a fenomenologia heideggeriana, pode-se compreender qualquer forma de adoecimento enquanto **estreitamento das possibilidades** existenciais fundamentais do ser-aí, ou Dasein. Isso significa que **a liberdade existente na movimentação investida no encontro com o bambolê viabiliza a ampliação do espectro das potencialidades constitutiva do ser aí**. Com isso, é possível concluir que essa dança é um **caminho de abertura de mundo**, pois permite vivenciar a **liberdade**, a **confiabilidade** e a **autenticidade** na manifestação corporal.

6.4. BAMBOLE COMO EXPRESSÃO ARTÍSTICA

A relação alma/corpo é também bastante abordada na Psicologia Analítica. Para Jung, o surgimento da **consciência se dá a partir de uma percepção geral do nosso corpo**. Assim como os sonhos, o corpo está presente, mesmo que ignorado e desconhecido. Quando se aprende a atentar para **percebê-lo, torna-se possível interpretação**. Assim, suas mensagens podem ser desvendadas, o que significa um importante canal no desenvolvimento da conexão interior e na compreensão da realidade psíquica.

Levando em consideração as contribuições de Jung referentes às noções de corpo e de trabalho corporal, **nota-se a potencialidade terapêutica da dança com o bambolê, como expressão artística, criativa e rica em material simbólico, que viabiliza o contato com conteúdos inconscientes**. São inúmeros aspectos psicofísicos que podem ser interpretados nas manifestações corporais, enquanto representante simbólico da realidade psíquica.

Considerar a dança com o bambolê como um **recurso expressivo**, dá abertura para analisá-la como uma maneira de mediar, conhecer e compreender, dentro dos limites possíveis, o significado simbólico de conteúdos inconscientes e suas potencialidades.

*"Quando conseguimos estabelecer a função denominada **função transcendente**, suprime-se a desunião com o inconsciente e então o seu lado favorável nos sorri. A partir desse momento, **o inconsciente nos dá todo o apoio e estímulo que uma natureza bondosa pode dar ao homem em generosa abundância**. O inconsciente encerra possibilidades inacessíveis ao consciente, pois dispõe de todos os conteúdos subliminares (que estão no **limiar da consciência**), de tudo quanto foi esquecido, tudo o que passou despercebido, além de contar com a sabedoria da experiência." (JUNG, 1980, p. 103)*

A função psicológica transcendente é responsável pela aproximação entre consciência e inconsciente – os quais raramente estão de acordo, pois comportam-se de maneira compensatória ou complementar no que se refere aos conteúdos e tendências. **Pessoas dotadas de qualidades criativas gozam da permeabilidade do muro divisório entre esses dois pólos**. Uma vez que o lado sombrio

coloca o indivíduo diante problemas incontornáveis, que devem ser confrontados, este é reprimido em situações de orientação psicológica, por seu caráter desagradável e amedrontador.

"Temos uma secreta intuição de não estarmos totalmente isentos desse lado negativo e de que, pelo fato de termos um corpo, este projeta sua sombra — como todo corpo, aliás. Ela nos diz ainda que, se renegarmos nosso corpo, não somos tridimensionais, mas sim planos, ilusórios. Mas este corpo é um animal com alma, isto é, um sistema vivo, que obedece necessariamente ao instinto. Associando-nos a essa sombra, dizemos "sim" ao instinto e também àquela dinâmica fabulosa que ameaça por trás dele. A moral ascética do cristianismo quer livrar-nos disso e assim nos expõe ao risco de perturbar o mais profundo de nossa natureza animal." (JUNG, 1980, p. 28)

Conteúdos inconscientes se manifestam primeiramente no corpo, para então entrarem em contato com o ego. **Quando se tem domínio do ritmo e intensidade desse confronto, a integração é feita com segurança e equilíbrio.** (SEIXAS, 2009). Isso significaria a possibilidade de **fortalecimento do ego** tem como consequência o controle na assimilação do Inconsciente. A compreensão de que o desenvolvimento do ego e, portanto, da consciência se dá a partir das primeiras noções corporais, pode ser ampliada para todo o **processo de individuação**, ou seja, ao longo de toda a vida.

Ao descrever essa etapa do processo de individuação, é perceptível a presença de termos muito familiares à prática de bambolear. Tal compensação entre forças opostas é um fator fundamental no ato de bambolear, bem como **ritmo, intensidade, segurança e equilíbrio**, fatores trabalhados nesta expressão artística. Além disso, a interação com o arco explora a respiração, o movimento circular, a flexibilidade e a adaptabilidade, sugerindo alguma relação com outras práticas corporais já elaboradas, como a *calatonia* ou *eutonia*, método desenvolvido pela alemã Gerda Alexander (1908 – 1994)¹⁰.

As **crianças** se beneficiam ao adquirir maior consciência de si mesmas através do trabalho corporal com o bambolê. Experimentam seu contorno, seus limites, compreendem o espaço que

10 <https://www.eutonia.org.br/>

ocupam, pelo qual são envolvidas. Conhecem seus tamanhos, suas formas, seus volumes, seus alcances, suas dificuldades e seus limites. Descubrem as possibilidades de movimento, continuidade, seus ritmos acelerados ou lentos. Investigam a força, o impulso, a inclinação, a direção, as posturas e as tensões.

Essa experiência pode se estender para os **adultos**, como uma oportunidade para que **retomem o conhecimento do corpo**, que havia sido ignorado. Assim, se possibilita encontrar e ressignificar a criança interior, que com o passar dos anos foi esquecida ou abandonada. As contribuições de **Winnicott** podem ser de extrema relevância neste sentido. O **brincar** como forma de manifestar a espontaneidade, liberdade, criatividade e adaptabilidade para que o indivíduo se desenvolva e possa **pertencer à cultura**.

A dança é solo, mas, é também um dueto com o arco, ou um conjunto, considerando todos os elementos do ambiente que o cerca. Assim, se constitui um jogo, no qual o concreto alterna-se com o imaginário. **Trabalha-se a unidade constituída pela capacidade de atuar, de sentir e de pensar, de expressar-se e de transformar-se**. Conhecer a si mesmo envolve conhecer o potencial das suas diferentes nuances, sutilezas, sensações e imagens. Com isso, **se transforma não só a si mesmo, mas a forma como o outro é introjetado e, assim, inaugura-se toda uma visão de mundo**.

O corpo é penetrado pelas vivências do indivíduo, de modo a tornar-se abrigo também de seus sintomas. *"É o amigo mais duvidoso, por produzir coisas de que não gostamos; há inúmeros fatos a ele relativos que não podem mesmo ser mencionados. Por isso ele frequentemente se presta à personalidade do lado sombrio do ego"*. (Jung, 1983, p. 40 *apud* SEIXAS, 2009). Segundo Gaiarsa (2006), o corpo carrega a concepção social de "casa do diabo", das paixões e dos instintos, que se manteve da Grécia clássica até a atualidade.

Inevitavelmente, tal estranhamento converte-se em **repressão, culpa ou medo, diante deste grande desconhecido**. O distanciamento entre a consciência e o inconsciente, que tendem à mútua compensação, impede que o sujeito caminhe em direção à totalidade, ou completude. Mesmo assim, a consciência está sob constante pressão dos conteúdos inconscientes sombrios, para que esses, através de símbolos, sejam integrados às suas atitudes.

Pëtho Sándör (1916-1992) foi criador do método *"conhecido como Toque Sutil ou Calatonia, a partir de sua vivência como médico nos campos de refugiados durante a Segunda Guerra Mundial e nos pós-guerra em hospitais alemães"* (SEIXAS, 2009, p. 77). Tal como Jung, reconhecia a capacidade criativa do inconsciente, ou seja, sua constante atividade de formulação simbólica, para o

trabalho psicoterápico. Leda Perillo Seixas (2009, p. 74), descreve o trabalho corporal dentro da psicoterapia da seguinte maneira:

*"Quando trabalhamos o corpo, o fazemos buscando não apenas libertá-lo de memórias dolorosas ou antigas tensões, mas tentando observar os **novos caminhos que a libido irá tomar**, formando símbolos que atribuem significados diferentes às nossas experiências de vida"*

A atividade inconsciente elevada e a conseqüente rebaixamento da consciência viabiliza a transformação psíquica. Entretanto, esta nem sempre significa um alargamento da mesma, no sentido **construtivo**, pois a vivência e integração desses conteúdos podem ocorrer de modo **destrutivo**. Nesse caso, conteúdos inconscientes rompem com a barreira egóica e assumem o domínio sobre a consciência. Essa situação de mobilização pode ser encontrada em casos psicopatológicos.

Ressalta-se a importância de um ambiente psicoterápico seguro, *"com o paciente consciente e o terapeuta atento, em atitude continente, diminuindo o risco do contato numinoso"* (SEIXAS, 2009, p. 75). **O trabalho corporal** é constituído pela criação deste **espaço seguro**, que permite que o indivíduo, através do suporte terapêutico, entre em **contato com o inconsciente**.

"Na adolescência, por exemplo, o indivíduo se prepara para grandes tarefas existenciais que estão por vir, para as quais, devido à novidade e à intensidade de mobilização, a consciência não encontra meios de cooperar de maneira eficiente, por ainda não possuir recursos suficientes" (SEIXAS, 2009, p. 74)

Através do atendimento psicoterápico de **pacientes psicóticos**, Sándör percebeu a potência do **trabalho corporal no desenvolvimento de vínculos afetivos, possibilitando a construção de uma relação de confiabilidade entre o terapeuta e paciente**. Observou que ao trabalhar a **capacidade de ser tocado, a percepção dos limites do próprio corpo torna-se mais definida, favorecendo o estabelecimento da diferenciação entre o eu e o outro**.

Tal condição, indispensável para a **reestruturação psíquica**, pode ser proporcionada pela dança com bambolê, que contorna o sujeito com seu movimento. Dessa forma, restabelece a **unidade que contém as diversas partes do corpo** e, com isso, a totalidade psíquica que o indivíduo pode representar. Neste sentido, Jung (2004 *apud* SEIXAS, 2009, p. 75) ressalta:

"A existência do mundo tem duas condições: uma é existir a outra, ser reconhecida"

Diante essa perspectiva, a **terapia corporal** constitui-se como uma potente via de acesso de elaboração e integração dos sintomas corporais, visto que *"o adoecimento orgânico é uma forma de expressão simbólica como qualquer outra"* (SEIXAS, 1989, p. 78).

Marcel Gaumond (2014, p. 71) aponta que através da eutonia, é possível *"reaprender a tocar, sentir a forma e os limites do corpo e conseguir - através da pele sentida como um envelope - perceber o corpo como um todo"*. Diante disso, pode-se pensar na dança com bambolê como um meio no qual o corpo, através de seus sentidos táteis, consiga vivenciar tal delimitação entre o eu e o mundo. No contato com a pele, o bambolear possibilita que o sujeito desperte sua percepção de contorno do próprio corpo, como um todo.

Além disso, a expressão artística em questão pode ser analisada como criação simbólica, visto que *"é uma linguagem universal infinitamente rica, capaz de exprimir por meio de imagens muitas coisas que transcendem as problemáticas específicas dos indivíduos"* (SILVEIRA, 1994, p. 85).

Essa complexa forma de sintetização de forças e tendências opostas ultrapassa a capacidade estritamente racional de compreensão. *"Os símbolos têm vida. Atuam. Alcançam dimensões que o conhecimento racional não pode atingir. Transmitem intuições altamente estimulantes, pronunciadoras de fenômenos ainda desconhecidos"* (SILVEIRA, 1994, p. 84). Seus conteúdos misteriosos por parte escapam, são inapreensíveis, mas impulsionam a consciência numa direção ainda obscura.

Uma das possíveis aproximações que podem ser feitas, é referente à imagem que o bambolê desenha no ar, a qual se assemelha à Mandala, que em sânscrito significa círculo, ou círculo mágico. *"O centro da mandala representa o núcleo central da psique (self), núcleo que é fundamentalmente uma fonte de energia"* (SILVEIRA, 1994, p. 106). Este núcleo, ou eixo, é representado pelo centro do corpo, fonte de energia do movimento gerado na dança com bambolê.

6.5. GAIARSA E A COMPLEXIDADE DAS SENSAÇÕES CORPORAIS

6.5.1. CORPO E CULTURA

"As terapias que procuram cultivar a experiência sensomotora - isto é, o campo não-verbal da personalidade - encontram obstáculos sérios nos costumes sociais" (GAIARSA, 2006, p. 225)

O aprendizado das interações concretas com o mundo é inibido pelos tabus sociais, fazendo com que a *"imagem corporal, um dos referenciais fundamentais da personalidade e da consciência"* (GAIARSA, 2006, p. 225) sofra consequências restritivas.

Com isso, a compreensão intelectual que o indivíduo terá sobre seus relacionamentos interpessoais é comprometida, ou seja, torna-se rígida e encurtada, pois se limita aos modelos convencionais de troca sensorio-motor. **Sem contato não há alguma intimidade, ou comunicação.** *"E mais: fica seriamente perturbada toda a mecânica do corpo, a postura, o equilíbrio e, na verdade, toda a organização motora.* (GAIARSA, 2006, p. 226)

Tendo em vista que a dança com bambolê já foi reprimida e até proibida em algumas culturas, o reconhecimento das **resistências culturais e valorações** restritivas de determinadas partes desses corpos são questões importantes a serem abordadas. Os costumes sociais ditam as regras que atuam no corpo, conforme a época, o povo e o território. *"As partes do corpo, a qualidade das sensações, os gestos, os contatos e as atitudes sofrem valorações variadas, mas sempre restritivas conforme o povo, a época, a cidade, o bairro, a família..."* (GAIARSA, 2006, p. 225)

Dentro dessas restrições, também são levadas em conta diferenças de gênero, classe social, orientação sexual e raça. *"O superego é coletivo - e regional!"* (GAIARSA, 2006, p. 226), ou seja, se constitui a partir dos outros, não se reduz à família. Isto é, a **imagem corporal torna-se refém dessas imposições culturais**, as quais restringem o que pode ser exposto e o que deve ser escondido. Assim, determinam-se as áreas permitidas ao olhar, ao sentir e ao acariciar - erótico ou não - e em quais condições essas são apropriadas.

A partir desta ótica, compreende-se que os tabus sociais têm consequências sobre a **imagem corporal**, impondo o que os indivíduos podem ou não fazer, com base no papel que desempenha na

sociedade. *"E mais, fica seriamente perturbada toda a mecânica do corpo, a postura, o equilíbrio e, na verdade, toda a **organização motora.**"* (GAIARSA, 2006, p. 226)

Neste quesito, revela-se a potência da prática de bambolear como trabalho corporal, que envolve o exercício da motricidade, a postura, a atitude, a posição, o equilíbrio e centro de gravidade, consciência corporal e autoestima. Tais conceitos são apresentados e discutidos por Gaiarsa, geralmente vinculados ao **tato, pressão, temperatura, dor, cinestesia e propriocepção**. A última se refere às noções próprias sobre posição e movimento do corpo no espaço, favorece o sentimento de si, o **equilíbrio** e uso propício do **espaço**.

6.5.2. DO QUERER AO MOVER-SE

Gaiarsa também apresenta sua compreensão acerca da relação da motricidade com a vontade, ou intenção, do indivíduo. Neste sentido, é possível **analisar a dança interativa com o bambolê em seu âmbito psicomotor, ao compreender a influência do *querer* na movimentação do corpo e**, portanto, no modo de agir e existir desse sujeito. Para sustentar sua argumentação, Gaiarsa retomou os primeiros **indícios do querer**, quando o bebê recém nascido mexe os olhos em procura de algo, levanta os braços hesitante ou vira o cara para negar um alimento que lhe é oferecido.

Posto isso, entende que o "querer" vem muito antes da palavra e possui direção e sentido, assim como um vetor. E completa:

"Existimos e nos movemos em um lugar (espaço) cheio de coisas e pessoas, e o essencial do existir consiste em estar neste espaço (contexto) buscando "o que nos interessa" (naquele momento) e evitando o que nos ameaça."
(GAIARSA, 2006, p. 229).

Gaiarsa desconstrói o conceito junguiano de ego ao pontuar que consiste em uma **exigência gramatical que busca explicar sua própria abstração - a vontade**. Dentro da realidade sensório-motora, **o querer se realiza a partir de sentidos e movimentos**, que, paulatinamente, recebem influência dos desejos, de um lado, e dos temores, do outro. Assim, os vetores da vontade adquirem curvaturas, nada homogêneas ou contínuas. O ato em si de bambolear corrobora essa ideia.

Com aproximadamente um ano, a criança passa pelo desafio de pôr-se de pé, com ajuda dos braços e mãos para compensar os balanços incertos. *"À medida que os complicadíssimos processos de auto-equilíbrio se estabilizam, as distâncias entre o desejo e a satisfação se encurtam"* (GAIARSA, 2006, p. 230). A partir de sua fundamentação, é possível analisar o bambolê não como um objeto de desejo, mas como objeto do querer, pois tem direção e está intimamente ligado ao movimento.

"É preciso uma base firme ou forte para que os movimentos menores possam se realizar, e para que os movimentos não nos desequilibrem. Talvez por isso a questão da vontade, do querer ou mesmo do desejo seja tão difícil" (GAIARSA, 2006, p. 231). Em seguida, descreve a importância da **intenção**, uma vez que esta envolve a **postura**.

"Postura é o conjunto das tensões musculares que a cada instante mantém a forma estática do corpo quando parado, mantém seu equilíbrio durante os movimentos que fazemos e prepara, antecipada e automaticamente, a base para o movimento seguinte. Tudo isso sem que você perceba o que está acontecendo. Isto é, de forma inconsciente (mas você pode perceber se voltam sua atenção para as sensações proprioceptivas) ... Seu aparelho locomotor é como o "gigante" das lendas, que realiza todos os desejos - basta você ter a "intenção de". Ou então o "gigante" impede você de realizá-los, se eles foram sistematicamente proibidos no passado, ou comprometedores no presente." (GAIARSA, 2006, p. 255).

Manter tensões posturais locais ou globais, a fim de proporcionar uma base para movimentações, possibilita ao indivíduo realizar gestos intencionais que vão de encontro com seu querer.

A medida que determinada movimentação é **automatizada**, a serviço da intenção, apenas um sinal - um gesto, olhar, palavra ou toque - pode ativar o processo inconsciente. *"Agora basta um lampejo, um aceno, uma palavra, um leve "querer" e toda a máquina se põe magicamente em movimento"* (GAIARSA, 2006, p. 230). De acordo com o princípio dos reflexos condicionados, a vontade torna-se hábito, ou seja, basta querer para algo acontecer.

O autor descreve como se dão as etapas do processo de tomada de consciência desse desejo. Em primeiro lugar o sujeito vê o objeto, para então desejá-lo. Quando esse desejo ganha direção e movimento, aparece a vontade. A tomada de consciência desse sentimento torna-se possível a partir do trabalho psicoterápico ou meditação, uma vez que ambos se constituem em formas de **atentar ao próprio corpo**. Observa-se que todos esses processos ocorrem no âmbito não verbal, pois compreende-se quando e como o desejo foi despertado, que a verbalização dessas expressões é propiciada.

6.5.3. CONSCIÊNCIA CORPORAL E O SENTIMENTO DE PRAZER

Existem movimentos que são automatizados desde a infância, que são os chamados reflexos condicionados, ou hábitos. Para torná-los conscientes é preciso invocá-los e atentar para a percepção interior, a chamada **propriocepção**. O processo de **reaprender** os próprios movimentos involuntários provoca a revisão e reorganização da **consciência corporal**.

“Preciso "perceber-me por dentro" (cultivar a propriocepção) e preciso ir devagar porque meu gigante é extremamente complicado - e rápido. Ele é... animal! Terei, pouco a pouco, de reaprender com ele tudo que ele aprendeu sozinho quando éramos crianças” (GAIARSA, 2006, p. 232)

Gaiarsa atribuía a **subvalorização da complexidade das sensações corporais**, da pele e dos músculos aos antigos preconceitos de corpo, representado como *"o "material", a carne, as paixões, os instintos, a animalidade"* (GAIARSA, 2006, p. 232). O psicoterapeuta compreende que a relação entre **a depreciação do corpo e a elevação da "alma" e "espírito"**, expressos ainda hoje como "mente" ou "psique", se dá a partir de um **movimento compensatório**, ou inversamente proporcional.

Diante disso, com a intenção de *"resgatar a dignidade, as funções, a sutileza e a complexidade do corpo"* (Gaiarsa, 2006, p. 232), buscou construir uma base teórica que assegurasse a contemplação do **corpo como recurso psicológico**. Para tanto, substituiu **“imagem corporal” por “consciência corporal”**, associada à pulsão e ao desejo.

*"Consciência-controle de **tensões** (musculares), ou seja, consciência-controle de **movimentos e posições** (propriocepção); consciência da **pele** (toda); consciência **respiratória**; e consciência de **emoções** (ou consciência visceral), sentidas com maior clareza no tórax."* (GAIARSA, 2006, p. 232)

Essa substituição auxilia na compreensão de **como o corpo se faz psique**, uma vez que construção do **significado de imagem corporal indicava que havia vínculo direto com a consciência e personalidade constitutivas**.

Dessa forma, compreende-se **que os movimentos são fontes inesgotáveis de sensações**, ligadas à postura bem formada, sensação de firmeza, graça e precisão. Gaumond (2014) também apresenta dados relevantes a respeito das **capacidades sensitivas da pele**, ao afirmar que a mesma é constituída por, aproximadamente, **quinhentos mil pontos sensíveis distribuídos por dois metros quadrados de superfície**. Entretanto, Gaiarsa critica **a movimentação do corpo na intenção de ser visto pelo outro** e a compara com o movimento que busca o sentimento de prazer.

*"Hoje, esportes ao ar livre e esportes radicais em certa medida aproveitam estes prazeres do movimento, mas quase todos se voltam para o **corpo que se mostra - se exhibe - e não para o corpo que se sente - e menos ainda para os prazeres que podemos sentir no corpo todo.**"* (GAIARSA, 2006, p. 233)

A complexidade do corpo torna-se real na incrível capacidade de incontáveis sensações diferentes, sejam essas provocadas a partir do contato com a pele, com movimentos ou emoções. Sensações essas que são transitórias, alteradas a cada instante. Diante disso, defende a importância **de amar a si mesmo e amar as sensações prazerosas que advém do próprio corpo**.

*"Nada mais legítimo do que amar meu corpo por tudo que ele me **proporciona**, por tudo que ele é, por sua história de tantos milhões de anos, por sua complexidade, por sua versatilidade sensorial, **por todas danças que ele pode fazer.**"* (GAIARSA, 2006, p.234)

O autor, inclusive, chama a atenção para a importância do comportamento imitativo na infância, uma vez que **“o que a criança aprende nos anos iniciais da vida - e sobre o qual mal se fala - é MEXER-SE.”** (GAIARSA, 2006, p. 310). O esqueleto do ser humano, seus músculos e sua capacidade de movimentar-se constitui a formação fisiológica mais versátil dentre todos os animais. É possível imitar animais, desde os rastejantes, até os quadrúpedes, dos bípedes, aos ortostáticos. Qualquer indivíduo, mediante a treino, pode fazer os movimentos exigidos pelos esportes, artes circenses, artes marciais e diversos tipos de dança, dentre as quais está o bambolear.

O uso dos equipamentos de **parques de diversão ou esportes radicais** são também exemplos de situações nas quais novas **sensações** - e emoções - são experimentadas. *“Um enorme parque de diversões onde a criança pudesse experimentar, exercer e treinar toda sua versatilidade motora - ativar dois terços de seu cérebro - e preservar todos os neurônios”* (GAIARSA, 2006, p. 311).

Estes atuam na mesma lógica dos trabalhos corporais, "danças de salão" ou turismo, uma vez que *"obedecem ao imperativo coletivo e inconsciente de alterar esquemas motores "crônicos"”* (GAIARSA, 2006, p. 226). **Mudando de ambiente, companhia, ou até de gestos e atitude, o indivíduo pode chegar a influenciar outras pessoas com quem convive.**

*"Quase tudo que se denomina **expressão, impulso, tendência instintiva, inclinação, pulsão, inibição, desejo, intenção, propósito, vontade, defesa e repressão** envolve movimentos ou imobilizações específicas do corpo. Por favor, leitor, releia a lista com atenção e veja: **ela resume quase toda a psicologia!** Por isso todos esses "conceitos" ou todas essas "realidades interiores", "profundas" podem ser vistas (no outro) e, se prestarmos atenção, podem ser sentidas (em nós mesmos). Portanto, pouco têm de "inconscientes".”* (GAIARSA, 2006, p. 235).

O autor reflete sobre o conceito de inconsciente, colocando que o mesmo é considerado como uma "coisa", no substantivo, caracterizada pela negação ou ignorância ou tudo aquilo que não pode ser explicado. Recorre à Wilhelm Reich, ao afirmar que este foi **“o primeiro psicanalista a observar**

e a tentar compreender - ou “analisar” - a comunicação não-verbal do paciente” (GAIARSA, 2006, p. 236).

Isto é, todas as "manifestações inconscientes" de quem dança bambolê poderiam ser observadas a partir da atenção voltada às atitudes, gestos, olhares e outras sutilezas capazes de alterar o significado de uma mesma expressão. Através de modificações da **posturas e atitudes** crônicas, o corpo se liberta de suas amarras sociopedagógicas. A medida que a **rigidez motora se solta, dá espaço para novas sensações**, ou, como Reich denominaria, produz um "**colorido orgástico**". Tal sensações de relaxamento, liberdade e vivacidade do corpo são experimentadas de forma agradável e, sobretudo, libertadora na dança com o bambolê.

Porém, muitas vezes pode ser vivenciado de maneira assustadora, levando a pessoa a contrair-se novamente. Gaiarsa atribui essa possibilidade à dificuldade de vivenciar situações que fogem das normas convencionais e, portanto, da previsibilidade e controle, levam o indivíduo **ao medo ou "ansiedade de prazer"** (GAIARSA, 2006, p. 226), como é proposto por Reich.

6.5.4. TENDÊNCIA, EQUILÍBRIO E CENTRO DE GRAVIDADE

A partir do dicionário de raízes e cognatos da língua portuguesa, de Carlos Góes, do ano de 1920, aproximadamente, Gaiarsa pôde analisar tais termos psicológicos, sentidos em termos motores.

*“A raiz etimológica **TENT** é um tratado de psicologia, reunindo em si os termos centrais da área se traduzirmos a nomenclatura analítica para a psicologia tradicional. “Atenção” (ad-tendere) é estar interessado, inclinado, tendendo para. Atento é o ato - ou a posição - de quem está “preparado para”, atitude armada. “Intenção” (= “em tensão”) é sinônimo de **desejo**, preparação para a busca ou para o ato. **Retenção e contenção** (tensão para conter) são sinônimos para inibição e repressão.”* (GAIARSA, 2006, p. 238).

Através desta noção de intenção, compreende-se que ao mesmo tempo que o corpo se projeta em uma direção, existem os chamados “reflexos de extensão”, que são universais e estão

presentes em todos os músculos. A função desse reflexo é de **compensação**, ou seja, **preservar o equilíbrio ao exercer uma força oposta à direção do movimento corporal**, responsável por mantê-lo em sua posição original. Se não houvesse tal sabedoria e imediatismo corporal para armar um conjunto de tensões compensatórias, ao tentar realizar qualquer desejo, o corpo se desequilibraria, caindo no chão. Tal equilíbrio também é necessário no âmbito psíquico, promovido pela função transcendente e seus símbolos, através da compensação entre consciência e inconsciente.

Posteriormente, o autor discute a respeito do **centro de gravidade**, o qual não existe em matéria, porém atua nas *"condições de estabilidade de tudo que pode cair e é o centro virtual da organização de todos os nossos movimentos sempre que estamos de pé."* (GAIARSA, 2006, p. 240). Sua posição é alterada a todo momento que a forma, atitude ou configuração do corpo é modificada e sua projeção vertical deve sempre se manter dentro de um polígono de sustentação. *"Situa-se na frente da terceira vértebra sacra, no terço proximal (próximo ao sacro) do diâmetro sagital mediano da pelve"* (GAIARSA, 2006, p. 240), local onde o bambolê deve girar, quando roda na cintura.

Ao acompanhar o movimento do corpo em busca do **equilíbrio**, a atuação de vias nervosas, como o **cerebelo**, é exigida. Os diferentes segmentos do corpo também possuem **centros de gravidade** que podem mover-se independentemente, levando em conta a posição do restante do corpo, velocidade e relação com os demais. *"O centro de gravidade é um ponto em qualquer objeto tal que, se suspenso por ele, todas as forças gravitacionais atuantes sobre o objeto se anulam"* (A. J. Vander, 1975 *apud* GAIARSA, 2006, p. 243).

Posto isso, é possível afirmar que **esse centro é responsável por reger todo o movimento e posições do corpo**, apesar de não existir concretamente em nenhum local fixo. *"É o único ponto de qualquer corpo em torno do qual toda sua massa está igualmente distribuída em todas as direções"* (Susan Hall, 1991 *apud* GAIARSA, 2006, p. 243). Assim sendo, o autor acredita que **o centro de gravidade corresponde ao self, o famoso eixo da personalidade que tanto se busca encontrar e manter.**

"É o eixo de rotação do corpo quando em pé, como se vê no suave e contínuo giro dos derviches. Sua "oração" consiste nesse giro, no refinamento contínuo da sensação de eixo - repito, de rotação do corpo! O giro do corpo sobre si mesmo é a forma específica de oração-meditação destes seguidores alternativos de Maomé." (GAIARSA, 2006, p. 243)

Podemos comparar tal oração com a dança de bambolê, pois ao bambolear, o sujeito tende a girar sobre si mesmo, experienciado esta sensação de girar em torno do próprio eixo. *“É o centro de organização, virtual mas ativo, de todas as forças musculares atuantes a cada momento e, ao mesmo tempo, responsáveis pela manutenção do equilíbrio do corpo no espaço.”* (GAIARSA, 2006, p. 244).

Temos diversos centros de gravidade parciais distribuídos pelo corpo, além do centro no ventre, correspondente ao conjunto de centros parciais. O fato deste centro se localizar no abdome, e não nos pés ou na cabeça, faz com que tais **extremidades tenham que se alinhar ao ventre** para que o andar, dançar ou outras formas de movimento sejam desempenhadas de forma equilibrada e consistente. Tal percepção é explicitada na resposta de uma participante do questionamento 1 (O que você sente quando bamboleia?):

"Feliz, me desligo um pouco dos problemas e me sinto mais conectada com o meu eixo"

Através da noção existencialista de continuidade entre corpo e psique, os centros gravitacionais biomecânicos também podem ser analisados do ponto de vista psicológico. Apesar de cada segmento ter sua função, **quando a postura do corpo como um todo se mantém alinhada, o mesmo pode funcionar em sincronia e sintonia**. Assim, é possível concluir que a consciência de si é obtida com maior clareza e eficiência ao bambolear, uma vez que a prática exige uma disposição impermanente, porém equilibrada e organizada.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

"Por trás de teus pensamentos e sentimentos, meu irmão, existe um grande mestre, um desconhecido que te mostra o caminho - que se chama eu. Ele mora em teu corpo, ele é teu corpo." (F. Nietzsche *apud* GAUMOND, 2014, p. 75)

Fazer um bambolê em casa é bastante prático, basta utilizar um pedaço de mangueira de plástico, devem ser grandes o suficiente para rodar em torno dos ombros e ao redor do corpo. Porém, na dança com o bambolê, o entrelaçamento entre o artista e o instrumento se torna obra de arte. No lugar de um pedaço de mangueira, é possível não apenas ver, como também sentir uma possibilidade terapêutica de reconhecimento de questões psíquicas antes adormecidas, ignoradas ou abandonadas, mas inerentes ao corpo.

A partir desta reflexão, é interessante pensar nesta dança como uma **alternativa para reorganizar o aparelho sensório motor**, através da abertura para novas, e infinitas, possibilidades. O bambolê é uma ferramenta que favorece um trabalho corporal de cunho criativo e artístico, explora o alongamento corporal, o equilíbrio, o movimento circular, a flexibilidade e adaptabilidade. O dançarino se deixa rodar, rebolar, cair ou pender, de forma que, ao relacionar-se com a força da gravidade, conecta-se com a natureza e seus elementos.

Independentemente da idade de quem brinca, **estabelece-se uma unidade entre corpo e mente, já que a emoção se faz presente nas sensações corporais**. Como coloca a professora Gerda Alexander (*apud* GAUMOND, 2014, p. 75)

“Somente a experiência enraizada no sentir nos permite entrar em contato com a magnitude do que foi vivenciado”

Considero esse trabalho lúdico como uma possibilidade para o experimento de um **alongamento** que ultrapasse o âmbito físico. Ou seja, através do brincar, seria possível **desatar tensões** que foram criadas ao longo da vida, **ampliando a capacidade de atingir locais dificilmente alcançados através fala**. Assim, pode-se dizer que o bambolear constitui-se como uma prática de **expressão, elaboração e ampliação da consciência e das potencialidades de ser no mundo**.

O potencial terapêutico da dança com o bambolê, quando abordado através da ótica da Psicanálise winnicottiana, pode ser analisado a partir da noção do **brincar**. Isso porque exerce a função de minimizar o espaço de tensão entre o mundo externo e interno, auxiliando o sujeito a se relacionar com o outro, contribuindo para o aprimoramento do convívio social. Neste trânsito entre os ambientes internos e externos ao corpo, é possível entrar em contato com sensações, imagens e

emoções que não só formaram a história desse corpo, como também podem ser construtivas quando ligadas à processos futuros.

Ao relacionar as abordagens citadas, foi possível concluir que bambolear, além de colocar em prática a potencialidade de adaptação às demandas do mundo, explora de forma lúdica o **movimento de expansão e contração, o despertar e o adormecer, ou seja, o pulsar entre as forças contrárias que compõem o universo**. A partir desse entrelaçamento entre corpo-psique e corpo-bambolê, possibilita-se a **integração de tendências opostas** presentes no percurso sinuoso do desenvolvimento individual.

Além disso, o bambolear pode atualizar os potenciais inconscientes, ao desenvolver traços positivos da **sombra** e exteriorizar **complexos** por meio de descargas de emoção. Isso porque a prática abre espaço para que o dançarino sinta seu corpo, seu eixo, e busque compreender o sentido daquela expressão. Assim, pode ser considerado uma atividade capaz de **diminuir a distância entre o consciente e inconsciente**.

Ao emitir sensações nunca antes vivenciadas, demanda de rápida reorganização psíquica e adaptação corporal em relação ao seu próprio espaço-tempo. A prática exige uma **postura atenta, concentrada e organizada de exploração e apreensão de mundo**. O momento de criação artística, ao modificar diversas relações enrijecidas, traz consigo a **potência de transformação e homeostase da psique**.

As formas de interação estão inscritas num contexto socioeconômico, de modo que as desigualdades devem ser consideradas. É fundamental **respeitar e valorizar as possibilidades e potências de cada cultura**, evitando o esvaziamento subjetivo. O trabalho corporal por intermédio do bambolê, na socialização das crianças e jovens pobres pode ir na contramão da força discursiva organicista, suspender práticas racionalizantes, que limitam a criação livre e espontânea.

Neste sentido, o aprofundamento desta pesquisa é de imprescindível, para que o contexto de vulnerabilidade social seja ponderado, sobretudo a respeito da forma como tensões psíquicas se expressam nesses corpos, considerando as fragilidades decorrentes das amarras sociais impostas ao longo do tempo. O bambolê pode ser uma ferramenta acessível para identificar tais tensões incorporadas por classes sociais mais pobres.

Esse trabalho deu subsídio para compreender melhor algumas técnicas integrativas já existentes, que aproximam a área física da saúde mental - Ayurveda, Yoga, Calatonia, Eutonia e outras técnicas de relaxamento. Vale ressaltar que a proposta de analisar o potencial terapêutico da

dança com o bambolê de jeito algum tem a pretensão de esgotar o tema. Mas sugere um recorte e como todo recorte, terá certa margem inevitável de arbitrariedade, diante das circunstâncias de tempo, as quais nós estamos limitados.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMPARO, D. M.; MAGALHAES, A. C. R.; CHATELARD, D. S. **O corpo: identificações e imagem**. Rev. Mal-Estar Subj, Fortaleza, v. 13, n. 3-4, p. 499-520, dez. 2013. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1518-61482013000200003&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 13 jun. 2020.

BERTAZZO, I. **Corpo e Saúde**. Café Filosófico CPFL. Out. 2017. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=yePaTaQgm5g&t=44s>>. Acesso em: 5 de junho de 2020.

DORS, L. K. **Fenomenologia e psicologia da criança: Merleau-Ponty e Winnicott**. Revista Intuitio. Porto Alegre, v.9, n.1, p.82-97, jul. 2016. DOI: <<http://dx.doi.org/10.15448/1983-4012.2016.1.22579>>. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/intuitio/article/view/22579>>. Acesso em: 5 jun. 2020.

FARAH, R. M. **Imagem Corporal: um conceito básico para fundamentar nosso trabalho**. In: FARAH, R. M. **O Trabalho Corporal e a Psicologia de C. G. Jung**. 2. ed. rev. e ampl. São Paulo: Companhia Ilimitada, 2008. p. 55-69.

GAIARSA, J. A. **Meio Século de Psicoterapia Verbal e Corporal**. São Paulo: Ágora, 2006.

GAUMOND, Marcel. **Presença no Corpo: Eutonia e Psicologia Analítica**. 1. São Paulo, PAULUS, 2014.

GOMES, I. S.; CAMINHA, I. O. **Guia para estudos de revisão sistemática: uma opção metodológica para as Ciências do Movimento Humano**. Movimento, Porto Alegre, v. 20, n. 01, p. 395-411, 2014. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/Movimento/article/viewFile/41542/28358>>. Acesso em: 5 jun. 2020.

HEIDEGGER, Martin. **Seminários de Zollikon: Protocolos, Diálogos, Cartas**. Ed. Medard Boss. Trad. Gabriella Arnhold e Maria de Fátima de Almeida Prado. 3ª ed. São Paulo: Escuta, 2017.

JUNIOR, Carlos. **Sobre a importância do corpo para a continuidade do ser.** Revista Mal Estar e Subj., Fortaleza, v. 8, n. 4, p. 927-958, dez. 2008. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1518-61482008000400005&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 13 jun. 2020.

JUNG, Carl G. **Psicologia do inconsciente.** In: **Obras Completas de C. G. Jung**, vol. VII/1. Petrópolis: Vozes, 1980.

MCNEELY, Deldon Anne. **Tocar: Terapia do Corpo e Psicologia Profunda.** São Paulo: Editora Cultrix, 1987.

MICHELAZZO, José Carlos. **Corpo e Tempo.** In: Revista da Associação Brasileira de Daseinanalyse, nr 12, São Paulo, 2003.

MONTAGU, Ashley. **Tocar; o significado humano da pele.** São Paulo: Summus, 1988.

NASSER, Yone Buonaparte d'Arcanthy Nóbrega. **A identidade corpo-psique na psicologia analítica.** Estud. Pesqui. Psicol., Rio de Janeiro, v. 10, n. 2, p. 325-338, ago. 2010. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-42812010000200003&lng=pt&nrm=iso> Acesso em: 3 mai. 2020.

NÓBREGA, Terezinha. **Corpo, percepção e conhecimento em Merleau-Ponty.** Estud. Psicol., Natal, v. 13, n. 2, p. 141-148, ago. 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-294X2008000200006&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 13 jun. 2020.
<<http://dx.doi.org/10.1590/S1413-294X2008000200006>>

PENNA, L. **Dance e Recrie o Mundo: A Força Criativa do Ventre.**

REHFELD, A. **Corpo e Corporeidade: uma leitura fenomenológica.** Revista de Psicologia do Instituto de Gestalt de São Paulo, n.1, 2004. Disponível em: <http://www.fenoegrupos.com/JPM-Article3/pdfs/rehfeld_corpo.pdf > Acesso em: 6 jun. 2020.

RODRIGUES, R. G. **O CORPO NA HISTÓRIA E O CORPO NA IGREJA HOJE. IV** Seminário Nacional Corpo e Cultura e III Fórum Nacional Corpo e Cultura. FE/UFG. 2013.

Disponível em <<http://congressos.cbce.org.br/index.php/4sncc/2013/paper/viewFile/4971/2970>>
Acesso em: 15 mai. 2020.

SEIXAS, L. P.; RIOS, A. M. G.; RIBEIRO, A. J. **O corpo para Jung**. In: ALBERTINI, P.; FREITAS, L. V. de (org). **Jung e Reich: articulando conceitos e práticas**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2009, p. 65-78.

SCORSOLINI-COMIN, F.; AMORIM, K. S. **Corporeidade: uma revisão crítica da literatura científica**. Belo Horizonte: Psicol. rev., v.14, n.1, p. 189-214, jun. 2008. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-11682008000100011&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 13 jun. 2020.

WINNICOTT, D. W. **O Brincar & a Realidade**. Rio de Janeiro: Imago Editora LTDA, 1975.

ZANATTA, Elisangela Argenta. **Vivência de Violência no Processo de Formação em Enfermagem: Repercussões na Corporeidade dos Jovens**. Florianópolis, v. 27, n. 3, e3670016, 2018. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-07072018000300323&lng=pt&nrm=iso> Acesso em 2 jun. 2020.

ANEXO 1

Google Forms (com o termo de consentimento livre esclarecido)

Convite para participação na pesquisa “O Potencial da Dança Com o Bambolê: Resgate da Corporeidade, do Brincar e da Consciência Corporal”

Olá! Primeiramente gostaria de agradecer a você por ter respondido minhas perguntas postadas no perfil @bambolas08. Com a permissão para usar suas respostas, você estará colaborando para meu trabalho de conclusão de curso, de Psicologia na PUC-SP.

Peço por gentileza que você leia o termo abaixo e caso esteja de acordo é só preencher seu nome e RG no final e clicar em SIM. Caso você não queira participar não existirá problemas algum! Você sempre poderá continuar a contar comigo! Um beijão, @bambolas08!

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Prezado (a) participante,

Este documento constitui parte da pesquisa “O Potencial da Dança Com o Bambolê: Resgate da Corporeidade, do Brincar e da Consciência Corporal”. O objetivo consiste em investigar a respeito da relevância da atenção ao corpo, a fim de lançar luz sobre o potencial psicoterapêutico da movimentação corporal que acompanha o bambolê. O procedimento da pesquisa consiste em você responder, com toda sinceridade, aos questionamentos propostos na página @bambolas08 através da plataforma Instagram.

A participação é voluntária, havendo a finalidade exclusiva de colaborar para o sucesso da pesquisa, portanto, não gera custos ou compensação financeira. Os dados destinam-se unicamente a fins acadêmicos. O uso das informações por mim oferecidas está submetida às normas éticas destinadas à pesquisa envolvendo seres humanos, da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa do Conselho Nacional de Saúde, do Ministério da Saúde.

É garantido o sigilo dos sujeitos e das informações, bem como a retirada da autorização dos participantes, caso desejem desistir de sua participação na pesquisa, impedindo a utilização de seus dados até então coletados. Como benefício, o resultado da pesquisa poderá ser utilizado para

agregar um conhecimento mais amplo a respeito da utilização do bambolê como recurso terapêutico e promotor de saúde integral.

Declaro, por meio deste termo, que concordo em responder as perguntas propostas, referente ao projeto intitulado “O Potencial da Dança Com o Bambolê: Resgate da Corporeidade, do Brincar e da Consciência Corporal”, desenvolvido pelo curso de Psicologia da Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde (FACHS), da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

Fui informado (a), ainda, que a pesquisa é orientada pelo Prof. Dr. Ricardo Monezi que está disponível para quaisquer esclarecimentos através do e-mail rmonezi@pucsp.br . Enquanto pesquisadora, também estou à disposição, a qualquer momento pelo e-mail gabrieladacunhaaraujo@gmail.com

Após ter lido este Termo de Consentimento Livre e Esclarecido,

() SIM, Estou de acordo em participar da pesquisa e compartilhar minhas respostas, sabendo que minha identidade e dados pessoais serão mantidos em sigilo.

() NÃO estou de acordo em participar da pesquisa e compartilhar minhas respostas, sabendo que minha identidade e dados pessoais serão mantidos em sigilo.

Nome _____

RG _____

Data _____

ANEXO 2

Resultado demonstrativo de concordância com a participação na pesquisa

